

LUÍS SOARES:
ELEMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA

de

MARIO ANGEL MARRODÀN

A TAREFA DO ARTISTA LUSO-MOÇAMBICANO
LUÍS SOARES

A TAREFA DO ARTISTA LUSO-MOÇAMBICANO
LUÍS SOARES

de
MARIO ANGEL MARRODÀN

PERFIL E ESTATURA DE LUÍS SOARES

O que faz com que eu saiba o que quero incluir na minha obra, e que me esforçarei por alcançar nem que tenha de me destruir, é ter uma fé absoluta na Arte.

VINCENT VAN GOGH

La célula bella

JOSÈ ORTEGA Y GASSET

Pintor - inclassificável, devido às mil tendências e variedades dos seus temas -, desenhador - penetrantíssimo, pela segurança dos seus traços -, ceramista - dominador da técnica subjugado - e escultor - experimentalista da expressão da matéria, que concebe segundo o seu estilo e conhecimentos, Luís Soares tem uma trajectória ligada a todas as normas investigativas da pintura, da escultura e da cerâmica. As suas personagens transmitem uma mensagem, um diálogo gritado aos quatro ventos, depois de escutarem os seus inquiridores totémicos. Provocador, com o sabor estranho que têm as calamidades em tempos de bonança, faz vibrar esse instinto heterogéneo que insere nos perfis lineares das suas figuras, com uma comunicação rara.

Reflexos de voragem e acção, temas paroxísticos, matéria tumultuosa, de agitação interior, perspectivados pela expressividade de uma arte diferente, actos potentes disfarçados pelas imagens evidentes de quem faz experiências com as formas a partir da dedicação pessoal às suas concepções, crenças e emoções.

Esta extensa obra que é difícil de apreender - embora não por ser complexa - nada tem a ver com aquela arte superficial que tanto êxito obtém na sociedade dos nossos dias. A sua, lembra uma crítica conceptual desatinadamente elaborada: as técnicas agressivas, a original sensibilidade, os níveis de ligeireza e as formas grotescas que surgem graças a um estilo acrobático e caricatural ao nível dos artistas individuais - aqueles que apoiam o logro, o assombro satírico e o talento picassiano no próprio fascínio do espectáculo pictórico. Soares trabalha com elementos telúricos metáforas alegóricas que se aproximam da feitiçaria -, com elementos espirituais que se equilibram entre o estado interior e a realidade exterior “valleinclanizada” 1 pelo seu instinto inconsciente, que é mistura de intenção, choque, euforia, arranque emocional, ataque aos valores e ministério de 1

(N.T.)O vocábulo vem de Ramón del Valle-Inclán (c.1866-1936), escritor galego que se inspirava na mitologia e folclore da sua região. Sonatas, a sua primeira obra amadurecida, expressava a decadência modernista. Foi um renovador do teatro contemporâneo, ambicioso, que dizia adaptar-se a sua arte ao que chamava técnica do espantalho. No romance Tirano Banderas descreve uma ditadura numa república imaginária da América Latina.

uma arte livre. Soares ”superstar”! ...

Reunir num único comentário todos os matizes da paleta de Luís Soares seria quase impossível, e ainda pior descobri-la de novo. Ainda assim, para que o leitor-espectador se possa impregnar das sensações provocados pelos quadros do pintor luso-moçambicano, nada melhor do que salientar os seus alardes inventivas da comédia patética do tempo e da vida, bem como a problemática da sobrevivência das almas dos seus protagonistas, solucionada pelos próprios meios de expressão que utiliza. Se o

espectador fizesse uma ideia do que se disse, isso equivaleria a reconhecer as dificuldades que levam Soares a pintar como que numa orgia de expressão. Para conseguir alcançasse o que afirmo acerca do pintor em causa (a crítica à espreita) que, nos aspectos técnicos, se encontra em plena criação imaginativa e de aprendizagem estética, peço emprestadas algumas linhas à excelente pena de Maria Zembrano, interpretando assim a figura e obra de Luís Soares no seu contexto individual e analítico “O artista, ao criar, arremeda a criação divina e cria uma eternidade... potencialmente. É o jogo, o jogo profundo da arte”.

Arte na atitude gráfica de resposta do sujeito ao objecto, de realização plástica que fala por si própria de razões modernas para perturbar a imagem - a magia da imagem diferente - resultante dos assemblages de bonecos enérgicos e formas espectrais dos recursos pictóricos, que são os seus meios habituais de expressão. Daí esses quadros bem concretizados, que nos permitem atribuir-lhe uma parte de inexpressividade, de cálculo e de geometria - mais proveniente da mão que do reconhecimento - por meio da geografia visual e ambiental, ou até do âmbito natural que têm sido pilares mais identificadores do que descritivos na transfiguração do enunciado artístico.

O poliformismo de Soares patenteia firmemente a labuta do desenhador para que as suas obras de arte tenham um pólo de atracção. É fascinante esse processo, tanto nas estruturas básicas como nos vínculos de semelhança, que o identificam, sem hiatos, nas suas diferentes normas de trabalhar (embora não antagónicas). Não são prisões, mas sim expansões. Se temos de o entender a partir do conteúdo da independência absoluta, não é menos determinante descobrir nesta os achados que despertam a fantasia do espectador, lhe mostram a diferença de uma personalidade que desborda escolas e “ismos”, ao mesmo tempo que ensina como as suas composições inesgotáveis se conseguem manter na corrente misteriosa, inquietante, mágica e surrealista.

A linguagem específica de Soares, com certas notas de “kandinskyanismo”, constitui uma experiência pictórica que vai do real ao maravilhoso, e que ainda nos há-de brindar com novas surpresas, sendo embora as anteriores muitas e válidas. Enquanto se vai interiorizando em abismos íntimos, consoante o avanço da sua presença artística o impele a encontrar-se com o seu eu, o conjunto importante das obras fica afastado, a salvo. A espontaneidade da cor e da linha - quase uma improvisação mental, um trabalho de identificação recolhe a criatividade sobepujada do artista plástico Luís Soares: do seu país e do mundo, criador de um mundo pessoal!

LUÍS SOARES,

ARTISTA MULTIDISCIPLINAR E COMPLETO

Esta síntese das diversas etapas, séries ou tendências criativas do artista luso-moçambicano Luís Soares, abrange uma manifestação antológica, com o estudo correspondente a cada parcela da obra do artista, nos géneros diferentes que tem vindo a cultivar. Que cultiva, aliás, com rigor, invenção e técnica depurada, ou seja: a pintura, a escultura, a cerâmica e o desenho. O seu trabalho artístico é um monumento lindo de realização criativa. Gosta-se nele da vocação que investiga um valor a desbordar fronteiras pátrias para se tornar universal ao romper o isolamento que cada pala se impõe e o restringe. Soares soube guiar as suas primeiras tentativas plásticas em direcção a uma coerência sem a qual não seria válido o testemunho da visão do mundo, que tão original. mente cria. vai, conversando com os espectadores, disfarçando as suas obras de um Carnaval de recordações. Participa com os outros, a partir da galeria de personagens, tornando numa festa o ambiente variado das histórias inventadas. Comemora o prazer estético com procedimentos modernos, possuindo um vocabulário expressivo, directo e eficaz, próprio para transmitir aos seus semelhantes a própria sensibilidade, fruto que se revela transparente devido a uma mentalidade que encerra a linguagem da invenção fantástica, tão importante no papel vital que a sua arte representa, como pessoal como homem, como artífice, como criador.

Luís Soares, esse mesmo prestigioso criador luso-moçambicano sobressai devido ao vigor da sua obra, onde a matéria pictórica e a técnica são os eixos da pintura, da cerâmica ou do bronze. A sua experiência abarca um desejo constante de busca e de afã realizador nos campos cromáticos por meio dos quais discorre, em liberdade plena, articulando sensações, aplicando os materiais

com mestria, obrigando as figuras a protagonizarem uma acção: aquela cujo traço criador nos inunda os sentidos - do desenho pintura, da pintura ao tecido, do óleo à tinta-da-china, do lápis à cerâmica, da escultura à serigrafia. Esse marulho de composições plásticas capta o espectador, assim como o realiza e recria.

O seu trabalho no campo da arte, além de ser surpreendente, é multidisciplinar. Como indivíduo que possui o seu próprio universo de formas plásticas, no marco das suas múltiplas tendências criativas, como é possível não lhe reconhecer os méritos, ou não tomar em linha de conta o trabalho silencioso, o esforço que assenta em vértices tão significativos da vanguarda? Como não saber apreciar a honradez, o critério, a decantação que existem no realismo mágico da sua pintura? Como não observar e, ao mesmo tempo, concentrar a atenção, na sua rica personalidade, que tanta força vital põe no resultado estético? Mas, instintivamente, Soares dedica-se mais à pintura. Nesta, e com esta, aprofunda os sonhos, tornando-os fecundos e maravilhosos. Quem deseje aproveitar a miúdo aquilo que o rodeia, e sucede, de maneira diferente do que costuma fazer, a partir da sua capacidade mental e individual, não deixará de o ir ver e de se quedar em atitude contemplativa à frente desses rostos carregados de significado - burla, máscara e ironia -, e achará em Soares as suas figuras fantásticas e oníricas tão ligadas à origem moçambicana do criador.

Que lição de variedades para todos os gostos! Como sobressaiam as ténues pinceladas de uma realidade multicolorida! Que moral artística tem o seu autor para reproduzir esses fantasmas, fantasias e invenções! Como recorda a arte africana - que tão bem conhece - nas suas influencias e com as suas motivações diferentes!

Pintor, escultor, desenhador, cartazista, gravador, gráfico, ceramista, vidreiro, tudo isto constitui o percurso amplo da

dedicação que permite ao fio do seu engenho estabelecer o nível de representação. Dessas opções técnicas, tira ele o mais conveniente no momento em que a elege. Com o seu trabalho em campos criativos diferentes, enriqueceu as recentes tendências artísticas em plena fase de produção.

Diria eu que interpretar Luís não é coisa fácil. Precisa-se de um desbordamento para alcançar a sua fertilidade frutuosa, que é o atributo inflamado que lhe incrementa o vigor plástico; exige-se uma entrega sensível à sua dimensão estética, que é esse selo pessoal mágico-simbólico com que transmite os anseios mais íntimos transmutados pela luz resplandecente da sua alma chamejante.

Em torno do seu nome artístico congregam-se estes atributos múltiplos: serigrafista digno de apreço; desenhador com interesse; ceramista com valor; escultor com relevância; grande pintor, porque sabe como deseja pintar e como o há-de fazer ou seja: artista completo e total, de grandes inventos e visões constantes, que é protagonista por excelência da sua própria obra. Renovando-se nos seus trabalhos, que, sendo tão pessoais, sem com isso deixarem, nem por um momento, de identificar cabalmente o seu labor criativo, o filão heterogêneo de exercícios e testemunhos que lhe permitem extrair a seiva às suas obras de arte. Como artista peculiar, como artista polifacetado, que vai à guerra por alvitre próprio, ocupa um lugar de destaque na arte internacional contemporânea, estando consciente - na minha opinião - dos valores estéticos de que é dotado.

A sua alma de pintor, o seu orgulho de escultor e a sua dignidade de ceramista conferem-lhe um altíssimo nível artístico.

Cada parte que cultiva está muito de acordo com a sua criação artística bela e desenvolvida, tendo o privilégio de possuir uma capacidade de expressão fora do normal. Como instrumento de modernidade temática que a adorna, também o seu bastião estético o faz sobressair, o destaca como artista vigoroso, como

criador dos seus códigos como re-criador em saturação. Porque méritos não lhe faltam - na sua assinatura cristaliza-se um dos melhores ganhos e uma das contribuições fundamentais da pintura portuguesa de hoje.

É claro que o moçambicano parte de um primitivismo natal para passar a outros esquemas estéticos de maior anterioridade, entre real e ideal. A selva mágica, transitando para formas, figuras, rostos: comunicação e presença materializados pelo pensamento em fórmulas surrealistas. Se a circunstância genética o fez ser artista, esse suporte transformado em criador multirracial, ilustrado no seu percurso pelas culturas diferentes que o atingem. Com essa linguagem expressiva a retratá-lo, a continuidade da obra transforma-o imperativamente num modelo de polimorfismo que assim permanecerá a partir do mosaico das suas contribuições plástico-artístico-estéticas.

O nome relevante do pintor e escultor Luís Soares abriu-se, pujante, às novas perspectivas pictóricas, como puro testemunho desta época que se dá ao luxo de "o ter" consigo, como solitário solidário que conhece

e expõe com grande emoção, e com um ministério peculiar para nossa satisfação interior, visto viver em cada um de nós a partir da lição de arte que recebemos dos seus quadros.

A vida apresenta-se-lhe como uma representação. Vida essa que dá frutos sugestivos e que o artista colhe por meio da ordem inspirada. Luís espreita o acontecimento fundamental, e deste extrai todo o género de conclusões, merecendo essa criatividade ser considerada como lição de vitalidade pictórica.

Artista em evolução, Luís irrompe em mil formas, cada uma em seu lugar, numa ordenação meticulosa. São os marcos do seu estilo, já que a vida anímica lhe irradia dos diversos impulsos do pincel. Nas composições de Soares há um diálogo do eu com a cultura universal que explica cada obra em particular. É tão intenso e subtil quando evidencia a categoria da sua obra

pictórica, como quando “agarra” o relevo da matéria nas suas esculturas. Luís tem nas veias a riqueza vivencial, que vai entesourando, em uníssonos com a ambição do verdadeiro criador. Admiro a virtude que consiste na capacidade de fazer aquilo para que cada um está talhado, e ele reúne o prazer e o dever num ajustamento de gostos estéticos e pormenores técnicos. No princípio da sua maturidade, há uma intuição que o assombra medida que esta se desdobra. E há também aquela suprema tensão que Soares tão bem aproveita!

A vasta carreira de Luís Soares tem passado por etapas várias e distintas, mas, sobretudo, tem sido balizada por elogios da crítica, está sublimada pela qualidade do seu trabalho pictórico. Rebelde e simbolista, por um lado, por outro, reflectindo desatinados desassossegos e misteriosas figurações, é uma carreira feita com vigor expressivo e que preenche os espaços ambientais numa harmonia perfeita de planos que nos vão sempre transmitindo sensações inconformistas por meio da linha febril do dramatismo. O pintor luso-moçambicano que descrevemos tem uma paixão cheia de êxtase, de "veia", pela busca de temas - como um alento que o nutrisse - que engendra de uma maneira contínua, isolada do próprio labor. E fá-lo rompendo com modelos, sem esquecer, porém a coerência e a substância do que se reflecte nas obras, o que nos deixa entrever aquela aura sacramental que o envolve, o mistério que lhe está na massa do sangue.

Para conceber, dispor e melhorar a urdidura temática, tudo é feito em conjunto com a efusão criativa e o alarde engenhoso.

A labuta deste pintor - bem como os melhores! -, exercida com assiduidade, abrange acertos amplamente reconhecidos. Os apoios temáticos mais característicos e significativos da sua obra são a claridade expressiva das figuras junto às naturezas mortas, a intensa respiração da cor, a nudez existencial da pessoa na tela, a emoção transcendente da interioridade da personagem partilhada

com o contorno geográfico, com a atitude de independência que nos prende.

Procura sem regateios (a partir de uma perspectiva própria), coordena a expressão essencial (porque se algo define os seus atributos como ser individual é esta), peleja animicamente com a única arma que conhece e domina a paleta. Cultiva-se na auto-independência. Volta a pintar derramando o seu deleite na expressão e na forma, porque sabe que a pintura está dentro de si, que é um acto total de integração, de entrega e criação, parte substancial que o funde com um ritmo superior - e o cinge a este, que exalta o contexto por aquilo que faz perceber, por aquilo que o seu impulso criador, feito de experiência humana, entrega, manifesta coerentemente na singular concentração de cada quadro.

Surrealismo gestual que simboliza a plástica maravilhosa dos seres inventados; caras fantasmagóricas; curvas e linhas invulgares; olhares que se cruzam; imagens multicoloridas; pares deformados; caras na sombra; cabeças traçadas com liberdade; animais inverosímeis; monstros irreais; marionetas alucinantes; adolescências nostálgicas; encontros irracionais mutações do normal para o fantástico; olhares postos no infinito; descobertas pueris; expressionismos pintados com riscos; séries unidas pelo conjunto individual do grupo; signos sem explicação lógica; heterodoxias mímicas; figuras a contrapelo da vida; famílias marginais; destroços e choques galácticos; sexos curiosos; prostitutas sem beijos; mulheres sentadas; mitos e tentativas oníricas; abusos dos direitos humanos; fantoches nos seus cordéis; contemplações lunares; flautas emudecidos; peixes coloridos; répteis em cativeiro; azulejos atraentes; sonhos que nos deixam perplexos; visões cubistas; composições aparentemente demenciais; pinturas acrílicas com grande força demonstrativa; cerâmicas representando objectos e sujeitos extravagantes; harmonias entre o tema estranho e a cor, no acto de criar. Tudo

isto impera na riqueza de formas simbólicas alinhavadas por Luís Soares nos seus quadros mais representativos.

Andar na pegada "soaresiana" equivale a personalizar a arte africana. Preferências e descobertas suas que o levam a hierarquizar a própria obra por meio dessas referências obrigatórias que acha fascinantes. Máscaras com pátinas muito sensuais e elegantes na feitura da cerâmica. Tótems que parecem agredir sem o menor pudor. Objectos que rivalizam ao nível técnico e na capacidade inventiva das formas. Quadros com uma expressividade fantástica, que fazem supor um divertimento revulsivo em quem os contempla.

O seu denodo artístico fica demonstrado em cada uma das obras que executa, continuamente livre nas concepções artísticas, mas sempre decidido a vir a ser um grande nome no seu campo. Obra caudalosa a sua, lúcida e perfeitamente bela, que ao se afirmar, afirma, antes de mais nada, um fundo insubornável de rebeldia e inconformismo - característica muito sua. O que não quer dizer, de modo algum que Soares exerça um protagonismo inconveniente, nem sonhe em falso com a sua arte, mas sim que esta lhe serve de refúgio, assim como lhe permite ver qual a sua responsabilidade individual.

Quero deixar aqui o testemunho cabal de que é agradável ser-se beneficiário desta obra tão humana quanto animalista, em que a intenção do criador luso-moçambicano interroga o seu mundo íntimo, para no-lo dar a conhecer num depoimento que diz: é esta a minha arte. Amem-na! É a manifestação da minha alma. Nela se revela a reafirmação da minha personalidade.

EXAME TEÓRICO DE SOARES

Ser crítico não é ofício necessário se nos pusermos a pensar no de apresentador, ou de entertainer, -por exemplo - mas sempre serve para orientar, e convém que haja um indivíduo a fazer de introdutor, espectador, marco e testemunha daquilo que se interpreta. Sobretudo para demonstrar a classe e avalizar a categoria, quando for caso disso. Certo é que criticar se torna numa missão bastante vã pelos escassos resultados positivos que se costumam mostrar, mas que isto não a impeça de ser praticada como um mal necessário, de andar para a frente, tal como o prefaciador de um livro abre caminho ao leitor guiando-o para as páginas que depois se seguirão.

Por este motivo faço o meu testemunho crítico de que Luís Soares é um dos grandes, dos "in-melhoráveis", dos originais, dos mais firmes esteios plásticos lusitanos que se abrem em Portugal aos quatro pontos cardiais da universalidade.

Semelhante à consideração que tinha - e ainda tem Don Julio Caro Baroja pelo seu mestre Telesforo de Aranzadi, confesso publicamente que também eu a tenho por Luís Soares (embora não queira ser turiferário que o perfume com incensos gratuitos. Como pintor, como artista, como homem de bem, como amigo, muito o aprecio e apreciarei enquanto ambos vivermos. Por tais motivos, estendo-lhe o meu certificado de bom comportamento plástico para que dele faça o que achar melhor.

Luís é o transmissor de um trabalho manual apaixonado, mas ordenado por alguém que não pára de aprender e de ensinar.

Tanto na pintura como na escultura. O seu caso é o de quem não copia, mas que interpreta; que não imita, mas que inventa.

Exerce um ofício que o atrai muito. É uma recriação surrealista fluida e construtiva, Uma obra que não só revalida o velho ditado de que já se nasce artista, como lhe acrescenta que, a partir daí, se forma o artista de hoje e de amanhã.

É dotado de um espírito artístico onde a prática habitual é o desenho e a pintura. Com uma inclinação precoce para o desenho criativo, através de um dinamismo e de uma busca indiscutíveis. Não se lhe pode negar espontaneidade. Está predisposto, antes de mais nada, a essas vivências, por instinto e sem esforço, por paixão e por habilidade. As suas "sete quintas" são a pintura. As suas "sete quintas" são a arte. Esculpir, pintar, modelar, desenhar, conformar, inventar, criar. Uma obsessão pelo espírito receptivo do seu trabalho. Faz o que lhe sai, mas pode perfeitamente fazer o que quiser. Procura, sempre. Consegue achados casuais, mas já pensando, antecipadamente, que os vai conseguir. Uma força irreprimível o arrasta para a arte. E é um trabalhador infatigável, para além de tudo isto.

Um caso digno de menção e bastante complexo para se fazer dele uma leitura superficial. Uma proposta na linha de Picasso, porém flexível a experiências e descobertas com cunho próprios.

A tarefa "soaresiana" surge apaixonada e cheia de afãs expansivos. Com ela introduz grandeza no empenho.

Soares é um trabalhador denodado, persistente - embora a lufadas - cujo problema estético - é a sua missão - para alcançar méritos artísticos, é a exigência da criação (técnica, cor, forma, poesia, que se reúnem nela harmoniosamente), porque a sua questão primordial é ir captando a mensagem, e pintando-a bem, reflecti-la da melhor maneira ao seu alcance. Com a sua consciência de criador e respeito pela responsabilidade, no sentido idealista da prática da pintura, apresenta-se-nos nuns rasgos claros e definidores atrás dos quais há luz (a que o alumia), bom gosto (o que o define), há também virtuosismo (a sumarenta polpa intensiva que o caracteriza), originalidade (que lhe dá o sentido do belo como seu traço mais essencial) e brio na luta (consequência directa dos seus valores plásticos que nos abriram os olhos para uma realidade maravilhosa, existente na pintura que executa).

Tem uma paleta que harmoniza energia e mestria, mas que também faz gala de concretizar na tela, intuitivamente, o mundo fantástico como um mistério que nos seduz.

Luís Soares é um artesão da sua obra, daquilo a que se chama pintura, do que se deve conceptualizar como uma pintura original e grandiosa. E tal como se vê e comprova, a disciplina da tela não o abandona. Como tal - pintor de raiz -, tem feito algo de formoso, belo, útil, tem querido ser pintor para toda a gente com sensibilidade, como se fosse uma tarefa que sirva para construir um mundo grande, justo e luminoso. Soares é um dos pintores jovens-maduros mais radiantes, que absorvem a imensa lição da alma humana e das novas formas de poesia, fulgurarão e esperança. Essa sua pintura é um succulento prato de beleza, ou um trago demasiado doce para não se saber apreciá-la como matéria de melancolia e devaneio. Porque sabe, porque conhece a fundo, que a sua pintura - em toda a que existe se insere completamente no âmbito lendário da pátria dos seus sonhos.

A pintura “soaresiana”, renovada e renovadora merece comentários elogiosos como os meus que lhe estou a dedicar convicto e confesso perante a sua nobre arte, qual desejo expressar o meu cabal parecer afirmativo, neste caso de aplauso a um fausto de cor e semi-figuração como nela se pode ver e observar, como nela se deve admirar e contemplar.

Eu classificaria a de Luís Soares como pintura de acção. Porque, desde o início, esta procura ter no quadro um ritmo infrequente, estabelecendo um sistema de correspondência onde experimenta a parte física do trabalho, ao mesmo tempo que a processo de invenção espontânea, tão em voga nos pintores criativos dos quais é expoente. Daqueles pintores que procuram fugir dos ênfases retóricos e dos excessos literários, e que não se importam de procurar, com decisão, o tipo de pintura em que apostam.

Luís Soares é uma das figuras mais singulares e polifacetadas da sua geração na arte luso-moçambicana, e uma das suas

personagens mais significativas. Ambicionando captar imagens de ficção popular, mais do que ser cronista da actualidade cria um universo pictórico de artista responsável, que vai desde o desenho, notavelmente bem executado, até à técnica da serigrafia, no exercício contínuo e perseverante de um ofício tão inquietante, mágico, genial e irreproduzível.

Ao longo dos anos, fomos conhecendo gradualmente os frutos dos seus avanços, em conjunto com as ânsias de expressão, que nos indicam o pulso e a temperatura da imaginação que reproduz, com um estilo inimitável, e que nos faz pensar nas pistas que o terão levado a um trabalho inteiro. A sua obra é uma delícia.

Representa uma janela ande nos apetece encostar para ver desfilar seres tão unitários, na sua diversidade, como idênticos a si próprios. Aí está: desenhado, gravado, pintado, posto em tensão psicológica, envolto num estranho mistério de formas picassianas, linhas, contornos, rasgos e traços difíceis de classificar, sobretudo pela sua liberdade de expressão.

ÉPOCAS, REFERÊNCIAS E PERÍODOS

Para se compreender melhor a sua trajetória, entendida por um prisma evolutivo, de avanço ou progresso, poderíamos separar e determinar por épocas os seguintes períodos das suas obras:

1º Período de formação e iniciação de carreira (1967 a 1974)

A esta época pertence a obra compreendida entre os anos indicados, sendo os três especialmente formativos, enquanto que nos dois últimos consegue um despreendimento mais inovador. É um período de tenteio, de influência primitiva, em que podemos observar o emprego do pastel sobre papel, sobretudo, ou da tinta-da-china também sobre papel, pelo menos em algumas das suas manifestações. Há uma decomposição cubista que vai desde a cabeça ao último suspiro. Tentativa de descobrir, de assimilar material e de se apropriar dele para as suas próprias contribuições, ainda que as composições se ressentam da criação incipiente. Mas fica nela um afã de busca, que achamos fascinante na sua arte.

Então decide-se a empregar a técnica mista, pelo menos sobre papel. Isto pressupõe uma evidência por parte do artista: investigar é avançar, e avançar-se tanto por meio da abertura a novos temas quanto pela manipulação de outros materiais diferentes dos habituais.

2º Período de figuração expressionista (1975-1980)

Começa a focar-se num dos temas que mais o apaixonam. Aparecem as figuras desfiguradas, desfiguradas porém, por surgirem com expressões retorcidas. Figuras sentadas, sombras, cenas arrepiantes, homens grotescos, grupos impressionantes, esboços duros na altura em que se capta o protagonista.

Intercalam-se óleo, aguarela, pastel, colagem em plástico, grafite, técnica mista, que continuam a ter apetência por bátegas de cores musculosas, onde aparece a figura do protagonista em tons fortes e impetuosos - o monstro e o demónio.

Em 1977 as suas criações são mais surrealisto-fantasmagóricas. No ano seguinte dinamiza as composições e introduz-lhes mais gente, que, à luz da plástica, alucina nos sonhos colectivos.

O ano de 1979 é o seu ano de eros. O artista situa-se no tema e fica obcecado por ele: a honra pessoal é perturbada pela pedra filosofal que se lhe converte em forma das formas que nos maravilham.

3º Período de formas abstracizantes (1981-1983)

No itinerário pelas ciências ocultas, que as formas plásticas tornam às vezes visíveis, inclusive em guache, este autor fantástico e misterioso conduz-nos pelos labirintos da pré-abstracção no oráculo do paganismo. Protagonismo individual que merece o esbanjamento perante as imagens histriónicas que o artista sabe interpretar elegantemente, como onirismos brotados do eu criador.

São como viagens astrais, ou evasões da alma, extraídas por meio de significados simbólicos dos escaninhos mais profundos da mente. Por isso interpreta tais mensagens como a vontade expressa dos deuses que as ditam. O sonho indica como deve a mente proceder para se submeter aos exorcismos das artes “augúricas”. Visões de possesso que abrem as portas das faculdades alucinatórias do espírito que Spies 1 transmitisse a Marx Ernest, supondo uma profunda mudança na sua obra criadora.

4º Período simbolista (1984-1985)

Ano pródigo o primeiro desta tendência. Embora haja -----
-----l (N.T.) August Spies foi um dos anarquistas ligados aos acontecimentos laborais de Chicago, que se tinham iniciado em Fevereiro de 1886 e culminaram a 3 de Maio, quando um grande número de desempregados tentou entrar nas instalações da McCormick Keaper Works, na mesma cidade, depois da greve "furada" por trabalhadores não sindicalizados. Para abreviar, Spies, juntamente com mais três anarquistas, foi enforcado em 11 de Novembro de 1887.

nele misturas, a capacidade de sonhar multiplica a harmonia. O sentido metafórico na criação artística tem os seus motivos, principalmente na vivência pessoal que o fundamenta.

Há muito para admoestar nesta tendência, ou estilo, que parece transmitir à obra uma certa extravagância, mas que, no fundo, o artista escolheu conscientemente para revelar a visão lúcida sobre o mundo do eu.

Um vazio imenso com que se defronta no quadro, quando começar a pintar. Dúvidas sobre si mesmo, em face dos outros. Então invoca a beleza, ameniza-a e oferece-a, para dar forma àquilo que tem no íntimo. Esse pequeno traço do eu, é o que o vincula a uma identidade exterior. Os sentimentos do artista provocam incríveis efeitos onírico-simbólicos por estarem expressos com toda a sua insólita quota de criatividade.

A obra resultante extrai novos símbolos dos mitos velhos da pintura (que vai de Picasso a Miró).

5º Período do esquematismo (1986-1987)

Aqui, a actividade criadora mantém-se em tensão.

A forma estética da paleta transmuta-se em caligrafia.

Todo o seu valor se radica na simplificação nova da cor e do pormenor.

Vislumbra-se uma etapa de esplendor, que o marcará definitivamente através do riscado.

6º Período investigativo (1987-1988)

Investigação necessária para aprofundar a plenitude identificadora a que chegou.

Confirmação das formas inventadas, técnica, cor e figuração ideada, reúnem-se num estado avançando do artista que se encontrou a si mesmo.

Emprego do acrílico sobre o papel, o que sublima o procedimento.

7º Período informal (1989)

A criatividade pictórica vai agora alcançá-lo numa temporada de informalismo declarado.

Há continuidade dos exercícios anteriores, podendo, por isso, incluir-se neste período vários dos que já fez, mas que agora condimenta e amadurece.

Mais que de evolução, pode falar-se de mudança, não isenta de continuidade.

8º Período orgânico (1990)

Assustam as suas horripilantes imagens, que combinam o erótico e o fantasmagórico.

Permanência das linhas de composição.
Reminiscências dos diversos graus que constituíram interesses anteriores.

9º Período ideático (1991 em diante)

Trabalha com acrílicos sobre papel e tela.
Vibração mais polposa da cor.

10º Período das cabeças (escultura) (de 1974 até hoje) Abrange, praticamente todo o processo escultórico.

Em geral, os moldes para as esculturas são feitos em esferovite.

Impressionam as fronteiras, o seu garbo expressionista, a sua força desatada (que é, ao fim e ao cabo, a tônica geral da escultura de Soares, tão própria, tão sua e, ao mesmo tempo tão perturbante).
Período que abala, realmente.

11º Período tecnicista (cerâmicas) (de 1980 em diante, até aos anos '90)

Demonstração de domínio do material, conhecimento da técnica, bom gosto, variedade de motivos, execução original, ofício relevante, dedicação exemplar, método singular de classicidade e vanguardismo desta arte.

12º Período neo-trajectória/pós-trajectória (desde os anos '90)

Desde o novo ao neo e ao pós, Soares vai avançando, embora fazendo acertos constantes. As raízes mantêm-se intactas, mas amadurecem. O artista ensaia e adapta a sua arte às exigências dessa progressão.

REPERTÓRIOS, ITINERÁRIOS E TENDÊNCIAS (pintura, escultura, cerâmica e desenho)

Nele, o exercício escultórico significa a ocasião oportuna da relaxação, da liberdade criadora. Nada de objectos inventados, apenas cabeças sóbrias, potenciando a harmonia, ou dando sentido de equilíbrio a este mundo real subvertido pela poluição, ruído e fadiga, contra o qual se pronuncia, numa denúncia, para destacar os efeitos positivos dessa actividade.

Com ela recria sensações mais do que outra coisa por exemplo, mais do que motivações intelectuais. As intencionalidades materiais impeliram a experiência humana, como ideia expressiva, nos efeitos dados à escultura por este seu interessante obreiro.

O conhecimento escultórico de Luís traduz-se no lado mais positivo do seu valoroso entendimento. Unindo à vontade a avidez criativa, leva pessoalmente a cabo as suas faculdades de tipo sensitivo, até aos menores detalhes.

Ocupar-se da escultura de Soares comporta inquiri-la como forma de expressão enigmática, envolvê-la com uma interrogação na sua carreira de criador. Não se pode ignorar aquilo que com ela nos oferece. Por muito difícil que o processo pareça, o comentário crítico deve ser necessariamente cauteloso. Se interpretar algo é compreendê-lo, há que ser perspicaz para ver nela - na escultura - a abstracção, a figuração simbólica e a fantástica, a conceptual, a construtivista, a realista, etc., ou para apreciar melhor - sem paixão julgadora - o saber das técnicas desta figura cimeira da jovem plástica contemporânea consciente do sentido universal da arte.

Tal como os materiais que emprega, a obra escultórica de Soares é dura, nobre, difícil, complicada, inovadora, vigorosa. O artista busca, explora, na missão de se expressar em relação aos outros,

por meio da sua linguagem pessoal de formas inusitadas. O escultor mergulha na ocupação de um mundo que é seu, e que quer tornar nosso. Nessa pedra angular se acha a dinâmica criadora que rompe com os componentes tradicionais. Uma obra assim demonstra por si só, sem necessidade de enfeites, repelindo até as rudezas, a contundência de um esforço para chegar à ideia criadora, através de uma mensagem comunicante de objectos e estruturas.

Ao trabalho escultórico desenvolve-o como um tema refreado. Poderia dizer-se que este adquire nas suas mãos uma carga de sugestão, tão rica à carícia táctil como estimulante da mecânica da composição, ou novel e até exótica, na técnica do volume aplicada à raiz da figuração inédita da escultura.

Com a sua contribuição constante e progressiva para a vanguarda e o anti-academicismo, na sua escultura aprecia-se um equilíbrio harmónico de volumes e vãos, de matérias e espaços, que, com a expressão das formas, congrega uma catalogação - nada fácil - das suas obras vigorosas, compactas nas superfícies, que extraem a expressão à matéria, ao mesmo tempo que constituem um repto, ou um desafio, próximo da expressividade gestual.

A esmerada execução das cerâmicas reflecte amplamente a sua técnica pessoalíssima e surpreendente, com um toque intuitivo de vanguardismo do qual não arreda os valores básicos da feitura clássica, respeitando sempre o nível de procedimento onde a forma surge intensamente desenvolvida.

Nas suas mãos o azulejo tem o crédito profissional requerido numa lide tão técnica quanto artística, porém com resultados estéticos brilhantes - na cor, no esbanjamento imagético, na composição sobreposta - num ente tão produtivo e tão exercitado. Na sua carreira de ilustrador (e nesta está implícita a serigrafia, exercida com tanto cuidado) surgem composições em que se acha o prazer da contemplação silenciosa e onde se capta uma visão inédita.

As serigrafias dizem muito a favor do artista. Obtêm-se com um desenho preciso, bem executado, de belo traço, aplicado ao papel com uma eficácia exemplar. Chama-se a atenção para a destreza esplêndida da arte gráfica deste pintor luso-moçambicano/universal como atractivo, ou como centro de atracção.

Não menos sugestivos são os seus desenhos. Fá-los à laia de traços de figuras que se ligam à pluralidade interpretativa do corpo criativo. Até certo ponto, são conjuntos de linhas onde as cabeças humanas configuram imagens inquietas e nervosas, ou elementos que servem de alicerces ao poder de comunicação da sua própria obra de arte.

Com a criação, Soares ergue um edifício que se entende melhor por meio do desenho - aliás, excepcional - e pelo qual sente uma grande inclinação, um pendor, ciosamente guardado. As linhas apoderam-se das formas como arabescos ao serviço da resposta emocional, espontânea, íntima e afectiva. Constituem um exemplo de habilidade, de força, que impele o quadro, de ligeireza imponderável - são lições a lápis. Além de apontamentos, notas de estilo, passeios gráficos entre o trabalho e a meditação (que é onde se esconde o processo complexo da execução do quadro).

A perícia é uma das notas dominantes na sua criação desenhística. Trata-se de metáforas multicoloridas dignas de todos os elogios. É só questão de perceber que o acompanha o anjo flutívago que preside ao Desenho.

Como um exercício de recobro, descongestão e repouso da tensão provocado pelas disciplinas mais vigorosas, como laboratório das mesmas, ele considera o papel o suporte básico, mas dotado de um ênfase especial: as soluções formais do desenho e da linha são propostas do executante estético que representa nele - o desenho - e com ela - a linha - homens e animais, numa vertente expressiva interessantíssima.

Luís exsuda, por todos os poros, uma grande sensibilidade, e tem uma inclinação irreversível pela arte, destacando-se isso na grande facilidade com que faz desenho, esse desenho pelo qual tem um gosto especial. Possui um temperamento que aprende com uns e outros, vê muito para aprender, mas, sobretudo, aprende consigo mesmo. Com a sua nova criação artística faz a escalada para o êxito.

Está claro que segundo o meu ponto de vista, e como causa de novos achados expressivos, é um artista de pinturas, esculturas e cerâmicas com projecção internacional.

A OBRA EM MARCHA

É cuidadoso nas técnicas e fiel aos materiais que domina desde que se iniciou na arte - quer seja tela, papel, barro, bronze ou madeira. Tem sabido evoluir desde as primeiras criações até às últimas obras, onde as linhas e os ritmos dão movimento às figuras desfiguradas. É um artista original, cujo traço mais característico é a facilidade espantosa com que elabora a sua obra - obra essa indubitavelmente muito bela e liberta de tendências dominantes, executada como actividade plena, dotada de lugar próprio, e independente da estética geral.

O pintor, empunhando o pincel, depois de prolongada elaboração, com um rigor responsável, aumenta o ângulo de visão onde, justo é reconhecê-lo, reside a sua maior virtude: a espontaneidade com que produz.

Toda a obra de Soares derrama imaginação e sensibilidade. Não é sovina ao adaptar nenhum dos temas variados que maneja com o virtuosismo intenso do coloriste consumado, e apresenta-nos a composição cromática e luminosa, cujo desenho é desfigurado pela luz, sombra e cor. O que confirma a ágil naturalidade deste pintor em tudo o que faz.

A casta do artista caracteriza-se pelo leque amplo da concepção temática onde a sua obra se refugia, acomodando-se à perfeição no que constitui uma das suas melhores cartadas profissionais: a força de expressão sempre bem controlada como linguagem autoral.

O que se vai vendo nele é que prossegue com o seu trabalho, imaginativo e espontâneo como os que são, e, simultaneamente, carregado de emoção e beleza. Alterna uma nova direcção com quadros característicos, de pinceladas irregulares, de cores bem moduladas, mundos de tremor, idioma elementar, que revelam uma maneira peculiar de navegar na cena da arte contemporânea.

Há que observar a surpresa e a originalidade plástica para a poder classificar de completamente diferente e pessoal, digna de um pintor que tem um marcado sentimento lúdico e de um homem que faz da arte a sua meta.

Este grande artista mantém sempre uma trajectória de uma coerência segura e de uma sensibilidade plena, de uma força e beleza divinas. Desenha com uma paixão quase doentia. Não pára de pintar, como recurso constante da sua natureza criativa. Penso que, por estes pormenores, a sua obra pictórica tem uma expressão categórica.

Cada vez que o artista português se decide a aumentar a sua obra, melhora-a. Oferece novos trabalhos depois de uma série de investigação em torno da sua teoria artística. Obra que se fica pelas suas mais puras essências e pelos seus conteúdos, nunca alheios à improvisação: com esta impregna as suas peças de uma espécie de facilidade esotérica - parece-nos que lhes dá tudo aquilo que requerem para nos meter num invólucro e nos fazer participar na mensagem comunicativa que encerram.

Já que toda a obra boa perdura, a de Soares - como trabalho considerável - há-de perdurar para as gerações actuais e futuras.

UMA VISÃO INQUIETANTE DA ARTE CRIATIVA

Soares é um artista internacional que, com as suas pinturas e esculturas, nos introduz no primitivismo da cultura moçambicana. Mas, ampliando esquemas, vai fazendo uma obra mais vasta, entre real e mágica. O seu "terreno" é comunicar formas, formas que são presenças africanas e ibéricas, cora que compõe uma linguagem multirracial. Um mosaico de rostos surrealistas aparece por baixo do suporte informal do impacto das figuras que o artista fornece, idealizando-as.

A criação pictórica de Soares capta certas manifestações desatinadas, que parecem imaginadas ou inventadas pelos sentidos. Eu diria que não deixam de ser para si o produto básico de tanto e tanto quadro derramado profusamente pelo vasto mundo da criação, mas também que se pode manter como um trabalho seleccionado na arte de hoje.

Com alusões aos tipos rituais, com a sua fisionomia especial, com a sua agitação corpórea, no decurso da expressão legítima, contribui com um tipo de produção que, pelos seus esforços, pelos seus méritos, além de provocar grande perturbação na biologia sensual, devido à agilidade linear dos contornos, deu lugar a uma variedade coerente de produção artística ligada a uma esfera de grande dignidade.

Uma vontade férrea, associada à capacidade de trabalho, harmonizam a imagem dinâmica de Soares. Perante os nossos olhos aparecem a cadência harmónica das cores fortes, a eloquência chispante dos tons, a flexibilidade dos desenhos, o segredo que oculta os sonhos, o brilho das expressões que se estendem como serpentes derrubando Lacoonte, com uma tal qualidade que encarnam a matéria-prima de um pintor excepcional, com talento suficiente para atacar quadros admiráveis.

O seu trabalho criador é como uma alucinação esotérica, que apalpa o assombro com a máquina transparente da paleta. Não é em vão que, com Luís Soares, se vai de surpresa em surpresa.

Não foge das representações figurativas: o que faz realmente é "desfigurar" a figura. Porém, não como um puro jogo, como um mero traço lúdico, mas sim com os trechos tremendistas de dinamismo com que nos presenteia a sua fertilidade cumulada e reconhecível: isto, porque a pintura de Luís Soares não nos "desfigura" a nós.

Laboriosamente, com a ferocidade de quem depara com invenções na sua emoção pessoal, pulsa esse phatos arrebatado que é, por fim, o que o caracteriza melhor, sem esquecer o acento - apesar do seu grande ímpeto a compor - que descobre na pureza linear.

Soares deslumbra, comove, arrebatada, satisfaz e alucina com as suas criações garridas, compondo um clima de beleza autêntica por meio do esbanjamento plástico.

Na altura de afirmar que Soares é um artista, um artista seguro e excelente, que há que analisar com cautela, um valor da arte que sugestiona nas suas ideias sensíveis, baseio-me no seu conteúdo funcional-existencial que sobressai pela potência plástica da expressão, além de ser importante pela magnitude da força criadora e inquietante, pela maneira de executar partindo da técnica criativa.

A mim parece-me que Soares possui uma ideia muito subtil da estrutura da peça artística. É uma visão única da expressão - por muito estranha que seja -, apta a atritar a mente popular. É a interpretação de um artista que luta para conseguir símbolos totémicos de relevantes rasgos estéticos, ao mesmo tempo que tenta produzir obras de grande valor expressivo e artístico através de um mundo que se define como pânico.

O ATRACTIVO MISTERIOSO

Dada a complexidade de tudo o que actualmente nos rodeia no campo da arte, como se pode perceber uma pessoa de que a sua percepção seja extra-sensorial e esteja mercê da atitude técnica? Tudo o que se pode ver nas obras de Soares, também se pode apalpar na matéria. De tudo o que se pode apalpar na matéria, pode igualmente ter-se referências nos sonhos. Tudo isto aplicado a Soares, empregado a fundo no atraente mistério da sua arte, alucina-nos.

O artista submete-se ao tema como objecto da sua arte, mas a partir da mais desenfreada e apaixonada interpretação da pessoa alheia. Alheia mas que é ele próprio, como argumento estético, como disciplina pictórica.

Há, nas suas mãos que pintam, a partir do cúmulo da imaginação posta ao serviço da surpresa, ou seja, a partir da sua imaginação cumulada, o ritmo interno que permite admirar uma pintura sem estridências, aberta ao mundo, com frutos, valores e emoções pintadas.

A aventura do estilo inquieta-o, mas concede-lhe uma certa dose de mistério, passando à deliciosa fantasia, partindo da alusão sagaz, e à sagaz ilusão partindo do significado tentador da sua plástica.

Transmitindo-nos o gozo estético da contemplação, que o pintor consegue tirando o partido máximo da qualidade de dos seus traços, unem-se numa única e irreproduzível realidade, o gesto, a técnica e a emotividade.

Luís Soares possui uma grande capacidade criadora. Serve-se de um traço livre na linha; é ousado no volume e na cor, por isso é esteticamente atrevido nas suas composições. Um bom trabalho do pintor, digno de aplauso, antes de mais nada pelo estilo ágil que emprega, que salpica de formas essenciais, para criar um microcosmos pictórico diferente, inquietante e cheio de mistério.

AS FANTASIAS ANIMADAS

Luís Soares é um pintor original, o que torna única a sua obra. A concepção que tem da pintura apresenta-no-la com uma imaginação impressionante, dando livre curso a tudo quanto ideia, o que é muito e do qual pode fazer alarde. As figuras aparecem como fantasmagóricas e estão cogitadas e conseguidos - com a projectura estranha e intensa que nasce do seu grande talento pictórico.

A sua dedicação plena demonstra bem experiências e conhecimentos, assim como inspirações em matéria de sonhos. Novéis são os seus quadros. Pelos seus matizes de cor e pela imaginação vivaz de quem os executou, temo-los perante nós para disfrute e estupefacção. Pela sua energia ardente pertencem às novas contribuições onde se descobre o admirável da imaginação que os criou.

Tal como de uma catástrofe resultam destroços e mutilações, o andrajoso, o selvagem, o ruinoso, assim dos pincéis do pintor-criador português “o carácter pânico” d’orsiano provoca um calafrio revulsivo, juntamente com uma chispa de emoção cujos igneos resultados de primitivismo nos apanham de improviso, aos que somos seus espectadores.

Perante os ensinamentos da sua capacidade para fantasiar, e como exploração do equilibrista que é em cada um dos seus quadros, pode dizer-se que faz uma pintura por metáforas. Por isso transmite uma mensagem alegórica. Não é feita para uso corrente. Não se rebaixa ao decrépito da arte, mas descobre, desenvolve, quadros significativos, tão dignos do autor definitivo que os sabe diferenciar de muitos dos outros artistas contemporâneos.

Quando um indivíduo se encontra com uma arte de facto surpreendente e bem estruturada, com identidade pictórica própria, executada sem barroquismos que, além disso, é

imaginativa, intuitiva e pessoal, não pode fazer menos do que se sentir obrigado a classificá-la de valiosa, em especial pela beleza que o perturbamos também pelo atractivo da sábia deformação dessa mesma arte.

Não é em vão que Luís Soares possui o dom da criatividade.

A ACTIVIDADE E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Luís Soares pinta com cobiça. Explicando melhor: não pára de perseguir a beleza moderna no seu repertório.

Estamos a falar de um dos pintores lusos mais bem enquadrados nas estéticas do seu trabalho - de onde transluz qualidade e busca -, que delineia a sua obra, a elabora, a imagina e se diverte com a múltipla labuta de desenhador de histórias e ilustrador de rostos, convertida em interesse artístico pessoal e determinante de visões e ideias.

A presença do artista no ambiente da arte é motivo suficiente para criar formas, linhas e volumes de beleza resplandecente.

Usa a tensão de um modo especial - tensão essa que é o manifesto mais plástico da anti-repressão -, o vigor estético, como protagonista; a harmonia, com a sua melhor vontade; a torrente de cores analisada através dos reflexos. Todos estes componentes surgidos como um domínio do desenho, sendo este de fino e potente traço.

Produção estranha e pessoal, como meio de comunicação de quem origina uma estética em conjunto com o destinatário para quem a encaminha, abalando-o emocionalmente.

Pintura em remoinhos, produzindo efeitos demonstrativos do seu talento verdadeiramente criador.

Um mundo encantador como o de Soares está feito com os olhos da busca intensa. O dinamismo das suas sequências é impulsivo, vitalista, comunicativo, como o autor que o origina. Unido à força vital, trata-se de um dado indicativo que se torna muitíssimo expressivo pela mão deste artista, profissional da destreza.

A desenfadada liberdade das suas pinceladas revela as notas características da sua personalidade artística.

Em claves de combate encarniçado com os inimigos quotidianos do artista - há que os superar para poder e saber criar - as suas obras revelam um ministério desbordado e um impulso criativo cheio de fé e vitalidade.

Qual trajectória, qual quê! Se o artista olha para trás e vê o que está feito, além daquilo que é - extenso e variado -, só terá de se sentir feliz. Magnífico trabalho o seu, que serve perfeitamente os fins pretendidos pela boa arte, comprovativo de que Luís soares é um autor que não pode parar. E que, entre os homens sapientes, tem grandes aspirações de continuar a obra espiritual do Sumo Autor.

A ARTE PICTÓRICA DA FIGURAÇÃO LIVRE

Com o seu estilo renovador, Luís traz uma lufada de ar fresco. O que lhe permite configurar um universo de imagens que adquire uma dimensão particular na sua longa etapa de amadurecimento. Etapa essa que reflecte uma trajectória onde importa mais o "como" e menos o "para que", aproximando-se, por gosto, de uma figuração idealizada que, em certos casos, se roça mais pelo impulso espontâneo do gesto de Picasso, pintor que, indubitavelmente, desempenha um papel decisivo e fundamental na obra do português.

Através dos elementos de um todo - a sua produção global - chegou a uma desvinculação figurativa que constitui o ponto limite da sua temática última.

Referimo-nos aos óleos, belíssimos óleos deste artista de temperamento independente embora de parentesco cromático e de veia informal picassiana. Pese a quem pesar não se lhe pode negar autenticidade nem exigência técnica.

Pintura gestual, habitualmente mantida em tensão, em que o manual se liga ao mental e ao artístico para obter um peso específico na voragem pictórica de irrupção formalista ou experimental.

As suas projecturas, intuições e preocupações são capazes de conseguir harmonias subtis que acham os tons certos e servem mais para inquietações do que para deleites.

A pintura de Luís é um canto visual à elasticidade.

É a subtileza que a define. Há nela harmonia na composição, vertigem no desenho, dissipação na cor, atmosfera sonhadora a envolvê-la, e, sobretudo, o desafio de descobrir uma mensagem que nos diverte, nos surpreende e inquieta.

Pintura de paixão absoluta, cuja contemplação é tão fascinante como tudo aquilo que, na verdade, vale a pena.

O SENTIDO CROMÁTICO E A LINGUAGEM DA COR

Vista do seu esplêndido conjunto, a beleza deliciosa que Soares cultiva torna-se no *leitmotiv* das obras, tão absolutamente fantásticas como pertencentes a um guinhol de colorismos que lhe impregnam toda a trajectória de uma espécie de estado de graça.

Quadros e figuras de protagonistas que denotam a profundidade do seu autor como coloriste. Um autor pictórico, certamente, que extrai a obra com a profusão, a flexibilidade e o grande vigor artístico que lhe vai no íntimo. E uma paleta de gama cromática cuidadosa, onde se patenteia logo o temperamento de pintor. Com a nobreza no domínio da técnica composicional, com a diversidade de tons na preparação da cor, com a conscienciosa postura a nível da tela, e com a estatura de um desenhador.

São elas as chaves mágicas que sublinham uma capacidade para expressar esse seu universo pictórico, traçado com uma carga espacial, e esse mágico espaço, povoado de símbolos no seu estilo audaz.

A GRAÇA FORMAL: ÂNSIA PELA FORMA

O pintor constrói uma linguagem formal que, usada na obra, o ajuda a tornar peculiar a produção - tão dilatada e intensa, pela sua exorbitância - e lhe avaliza o labor e a dedicação. Acção criativa a de Luís Soares que se encontra na fase de plena contribuição plástica, com a força expansiva das circunstâncias vitais, produto de uma vocação estética e de uma concepção dinâmica.

No âmbito formal, o pintor português bascula o seu aspecto de expressão humanística com uma carga muito poética. Na eterna luta para encontrar o equilíbrio entre conteúdo e liberdade criativa, não se sente manietado pela técnica. Livra-se desta, embora tenha que a aplicar às suas obras, porque lhe ocorre espontaneamente no momento da concepção. Quando forja um tema já sabe exactamente que procedimento empregar para nunca se servir dele de uma forma gratuita, mas sim perfeitamente inserido no seu compromisso de artista que deseja que o mundo cercano se reflecta na sua obra.

A mobilidade e o ritmo deslumbram, graças às mil formas e maneiras que põem a descoberto ensinamentos de quem se quer superar a si mesmo por um lado, e, pelo outro, o proveito de uma realização esplêndida que nos atinge e capta o nosso interesse. Essas linhas traçadas com um raio de luz divina, no meio da angústia ambientam, deixam um vestígio profundo ao fazer pulsar o nervo sensível de forma francamente impressionante. O valor formal desta obra é enorme, e anda ao compasso dos diversos labirintos e inquietudes espirituais e artísticas. Se a técnica pictórico-escultórica é de substância apaladada, o gosto, ou a temperatura, de quem a executa possui uma curiosidade insaciável que nos deixa fascinados.

SOARES VISIONÁRIO

Com o objectivo de dar forma ao seu código plástico dispõe de traças sem defeito e, juntamente com estes, de uma pureza de linhas que parecem sensações flutuantes, ritmos com vigor orgástico, que utiliza para conferir densidade vital, vibração, doçura e irradiação de luz visualmente irisadora, com capacidade para encher capítulos de pintura órfica, pôr fascinação em cada imagem, mostrar plenitude própria para o fluir natural de um artista que anda sempre a fugir à servidão figurativa.

O sonho, a visão, o desejo, a fantasia, o mistério, a magia, formam o caudal verdadeiramente infinito, em relação à realidade cambiante de onde os temas são extraídos. Ou essa espécie de rastros é deixada para ser aproveitada, tanto para conseguir a maior tensão sensível, como para desbordar na descoberta de tudo quanto lhe oferece o grande enigma da realidade, até à sua consecução pessoal.

O fluxo espontâneo da arte de Luís Soares compõe alegorias visuais que são como jogos múltiplos forma e cor como identidade única da inspiração da sua alma.

Percebe-se, nas suas imagens, as inquietudes de uma visão surrealista que distorce as caras das figuras humanas, sem olvidar o equilíbrio da composição com que as remata.

É evidente o grande pintor que nele podemos observar.

Sobretudo quando se serve da audácia expressiva nos corpos das silhuetas espavoridas, de miradas mornas com olhos retorcidos, a cara, o ventre e a cabeça constituindo os centros activos gravitando em direcção à esculturta de formas com vida.

Ao nível altíssimo dos vitrais de Marc Chagal, executados em vivas cores vermelhas, azuis, amarelas e verdes, nota-se umas influências próximas do seu estilo.

Paixão e liberdade na produção, que nunca é reprodução do que se vê, mas sim mais um desafio inconformista que deriva da sua inventiva.

O TRANS-REALISMO DE LUÍS SOARES

O inquietante universo de Luís Soares gira entre a mitologia, a astrologia e a iconografia simbolista. As formas que o modelam assemelham-se aos signos do Zodíaco, na sua intenção de ser efabulações que resumem a reflexão cromática ao nível da matéria, de modo semelhante ao do escritor decifrando os arcanos ao nível da página.

Embora os "trabalhos de Hércules" do artista em geral possam ter um território circunstante onde se refugiar, este português leva a cabo um denso programa artístico, com o qual se sente muito identificado, procurando obstáculos que a tensão criativa da sua estética supere para chegar à meta. Para isso multiplica constâncias e dedicações, urdindo as próprias fantasias da sua alma sensível.

A invenção da realidade é o capítulo mais importante do mundo da plástica "soaresiana".

Os rebentos mais excelsos da imaginação, os filhos mais espontâneos da sensibilidade fazem-no ser delicado, gozar de finura interpretativa e, com um fascinante espírito fantasioso e gosto requintado, criar para além de do o que se possa imaginar. Entre os seus sinais de identidade achamos animais fantásticos, que parecem impulsionados por asas míticas de tótems, ou ídolos de qualquer tribo africana.

A faceta surrealista do artista proporciona-lhe soluções plásticas, a partir de uma mente quase alucinada, que é digno, ao menos, de receber a atenção necessária.

Luís Soares, em certa medida indescritível, pinta de dentes arreganhados, e, para obter um feliz parto desse objectivo de pintar aplica-o ao estado latente de vivências cuja presença é invisível e que o artista desbasta de um mundo interior. O processo de jogo óptico e imaginação, fica perfeitamente integrado pelas mãos do artista.

A IMAGEM PSÍQUICA

Trabalha num puro estilo de dicção descarnada. Pinta por encantamento, e, por isso, o que pinta está saturado de fascínio. Tem factores, procedimentos, técnicas, recursos que utiliza nas suas composições emotivas. Exprime-se com força, vida, corpo e alma. Cala fundo na fantasia mas uma fantasia de dimensão pessoal, absolutamente sua. Percorre um longo trajecto obreiro, alimentado pela perseverança e, também, pelos refinamentos surrealistas, cujas consequências abrem grandes possibilidades por serem rasgos vivificantes da nova arte.

Perante os olhares atónitos do espectador, como numa revista, desfila o maravilhoso conjunto “soaresiano”, apresentado, era todo o seu colorido e esplendor, com a melhor intenção plástica, por uma das paletas mais brilhantes da actualidade, em Portugal e no estrangeiro.

Nessas composições de grande metragem, os dotes interpretativos do artista mencionado fazem com que as reconheçamos como uma mensagem que, desenvolvendo a sua execução nobre e original, possui motivos suficientes para ser transmitida. E são como os meteoros que se dissolvem iluminando o seu século, com um talento que olha em frente, acompanhado por um estilo belo e incomparável, estranho e esotérico, além de dotado de sobejas facilidades para obter um contexto de alcance fluído.

Com a sua criação artística, Luís Soares totaliza um microcosmos de paixões e delírios, tendo a fantasia como território mais fascinante do que as leis físicas: as intensas alegorias morbosas que o obcecaram, a tal ponto que as compõe com o sentido simbólico de imagens fetichistas.

Atrai-o o estímulo da busca, de tal maneira que há momentos em que se torna companheiro do mistério para assim dar impulso à necessidade de executar. A gestação das formas faz-se muito

rapidamente, e estas darão projecção sentimental à imaginação - característica essencial "soaresiana".

Pela senda intrincada do fantástico - porque dali, inclusivamente, se pode descrever um fantasma, a realidade do supra-sensível - configura o gosto mais ousado na sua evolução criadora.

As novidades que particularizam todos os dias na execução deste espécime-plástico, confirmam-nos a ultima ratio (1) da sua iniciativa individual. Da iniciativa de indivíduo -----

1 (N.T.) Em latim no original: o derradeiro objectivo, neste caso.

dinâmico, de inclinação irrefreável e de imaginação desenfreada, com que quer obter disfarces estranhos para acenar à paz espiritual de quem se assombra perante uma tal arremetida da sua prodigiosa tarefa, da sua alucinação temperamental. As imagens, cheias de vida, falam por ele suficientemente bem.

Baseando-se em maneiras (poderíamos chamar-lhes, e não por desprezo) demasiado libertas, trabalha com o soberbo desbordamento da imaginação. Para melhor o captar há que prestar uma atenção admirativa aos excelentes traços de uma obra fecunda e abundante. E prestar também atenção a este pintor fantástico e fero, autêntico fenómeno de copiosidade (a qualidade de ser copioso, não de copiar).

O instinto artístico de Soares proclama a profunda inquietação existencial de um ser rebelde num mundo alucinante.

Como verdadeiro artista, o pintor criou a sua personalidade indubitável, tão patente na intenção imagética que palpita nos seus quadros com tamanha força expressiva.

Elevar o espírito além da paixão de criar, pode ser a aspiração do plástico português. Desde o momento em que usa, com engenhos personagem desprovida de nome que partejou no processo inventivo, algo lhe sucedeu na mente: descobriu outra realidade. E descobrias na intimidade para a tornar válida para todos, ao

menos para todos quantos queiram observar essas imagens que Soares revela no processo da sua obra - transformando o engenhoso em belo, o deformado em válido, o íntimo em fértil. A labuta deste artista é um mundo especial que se tem de esperar, desvendar e saborear até extrair da sua execução a máxima seiva. Tanto as peças de pintura como de escultura acentuam razões pessoais (vivenciais) no universo particular do artista. Na verdade, um universo que encaixa perfeitamente no contexto das últimas vagas artísticas, propenso também a fazer aparecer signos e símbolos de modelos criativos imaginários. Além de estar a trabalhar com aspirações, as mesmas que, por esconderem segredos imagéticos atraem, sugerem e adquirem força de lição vivencial, de mistério fascinante. Ou seja, de obras estranhas, concebidas graças ao fascínio da idealidade.

A POTÊNCIA DO SIGNO

Como criador de sonhos modela de maneira mui potente retalhos de subconsciente. Com eles evoca a alucinada fantasia, às vezes; outras, o pesadelo angustiante; com frequência está nas suas telas a visão fantasmagórica; observam-se também imagens que desassossegam e desconcertam quem as contempla.

Tão alheios ao uso habitual, esses exercícios entusiasmados ficam reduzidos a signos de criação, encarnados em imagens com que o pintor se identifica. O significado vivencial do autor, convertido livremente em arte a partir da sua sintaxe pictórica, queda-se aberto ao espectador para que faça uma interpretação visual do seu conteúdo. Sujeitando-nos ao que interessa nos seus exercícios, constituindo descobertas para sair do labirinto de maneira diferente, há neles uma capacidade metafórica do que se pensa, se encontra ou se expõe, para melhor o encenar.

A obra atinge uma notoriedade plástica que a avaliza. A pessoa ultrapassa anelos de realização. A sua pintura é fantasiosa, procede de uma raiz esotérica que se traduz por imagens grotescas que nos incitam, excitam e submergem em tensas perplexidades. As personagens modeladas estão presas pela loucura libertadora das mãos que as criaram. São escorços sinuosos, desgostosos, impulsionados para a vida por uma ânsia emocional. O desejo do autor apoia uma produção surrealista, mantém um peregrinar pela arte negra, e representa unia íntima posse do signo criativo que coadjuva a inconformidade expressionista.

Esbarra com cabeças que angustiam, formas expansivas e, nas suas obras, é fundamental a ânsia de aventura que as concebe. Surgem por uma questão de necessidade. Emanam com um efeito plástico digno de agitar, mudar, transformar, repetir, reformar, actuar, encontrar e inventar, por magia e milagre da arte.

Mais do que comunicar com alguém, comunica alguma coisa. Mas comunica alguma coisa ao espectador, exigindo a presença deste para o levar além do mundo corpóreo, com certeza a lugares imateriais em que a metáfora tem muito a dizer, bastante a explicar à experiência imaginativa da contemplação, a amiúde de infelicidade imaginativa por parte do contemplador, já que o faz conceber o sentido das coisas. Por isso - por vigorosa e atraente - esta obra se adequa aos espectadores mais exigentes. O registo gestual, nas suas telas, adquire impulsos que desfiguram a realidade. Ou seja, Soares cria, com as suas impressões digitais, uma ficção personalizada sobre fundos ilusionistas que deixam a sua marca de autor individualmente simbolizada.

Imagens incríveis que apenas têm de recorrer à holografia, e não à arte minimal nem à conceptual, nem à pós-minimal nem à neo-conceptual, para convencer e demonstrar que o seu autor é um dos grandes intérpretes e que está na cúspide da pintura universal contemporânea.

É crítico e extremista na sua técnica de signos, símbolos, problemas, rupturas, embustes, mesclas caóticas de personagens que se movem entre a farsa humana e animal sem pretender adular os sentidos. Nestas alturas tem que se lhe agradecer ser invariavelmente fiel, graças a uma série de achados constantes que, por isso mesmo, são, além disso, fecundíssimos, e, quando novos, rupturistas.

Infundindo alento à coisa produzida, prende-nos nas redes da emoção. Alimenta-se espiritualmente de impressões sensoriais para motivar a sua temática. Assim, encontramos-lo no seu próprio ambiente, consagrando fidelidade amorosa a uma vocação como a artística. Nela permanece, sobrevive e se cultiva, plenamente dedicado às suas exigências e superações. A partir daquela, mantém essa presença mágica completamente escultórica ou iconograficamente pictórica.

UM INFORMALISTA RESOLUTO (O INFORMALISMO COMO CHAVE)

Com as maneiras e os glóbulos vermelhos do indivíduo animicamente inflamado pelo manancial límpido das inquietudes que eu admiro em Luís Soares, aí está a sua "almagrafia": uma alma envolta na sua própria grafia, uma alma modelada pelo artista no seu foco visual.

Na sua atitude estética há que destacar ter conferido importância relevante ao inconsciente, ao pueril, ao hedonista, ao primitivo, ao selvagem, ao inventado, ao mágico, ao humorista, ao comunicado com intensidade, assuntos por que se sente atraído e que demonstram a inquietude da sua produção: o pintor que se auto-cria, essa chave misteriosa da criação íntima, que lhe chega a abrir sensações inconfessáveis perante o desconhecido, paixões sublimes que apenas o próprio artista controla, que o artista representa.

Com um percurso emocionante pelos seus quadros, o conhecimento das suas ideias, encontros e representações evidencia um trabalho constante onde de um contexto estranho surge um fino humor, muitas vezes próximo do surrealismo ficcional e do efeito expressivo incluído em cada uma das obras com uma imaginação prodigiosa.

Um microcosmos construtivo germinal com potencial repercussão macrocósmica, porque o círculo do autor se expande por gradações, pela via mágica dos estranhos objectos-sujeitos concebidos, tão igualmente válidos como objectos significativos e como sujeitos básicos.

O universo utópico de Soares contem fulgores, convergências, sugestões, transparências, ambientações e subtilezas, constituindo um conjunto onde cabem as indicações do criar. Indicações essas alicerçadas num estilo pessoal e inconfundível, cuja harmonia plástica se destina ao seu

enobrecimento pessoal.

Pintor sugestivo, além de informalmente moderno no que nos atrai - interessantíssimo e magnífico, fácil e carregado de simbolismo, na esfera de trabalho dos novos modos.

O pintor vai-se desenvolvendo com as suas características mais sobrepujantes, sendo nelas flexível, ágil, dinâmico e subjectivo. Por isso não é de admirar que os seus arrojados formais sejam convertidos em gesto.

Ao pé de um conceito estético muito vincado, aprecia-se a inquietude de um nervosismo vital que a obra protagoniza.

Ambos lhe apõem o selo inconfundível de artista consagrado.

Com a sua passada pessoal vai forjando - e formando com técnica depurada - um conjunto artístico de efeitos admiráveis. O momento actual de Soares é óptimo no desdobrar máximo da sua imaginação, imaginação essa que é uma maravilha de criação a nos surpreender com a força expressiva de um mundo próprio, de um mundo misterioso, e que navega solitariamente pelos temas inesgotáveis veis que a mente lhe oferece à sensibilidade de artista. De um artista que, por não estar marcado pelos arquétipos estéticos hoje em moda, fica no exterior destes, ocupando, inclusivamente, um lugar privilegiado na arte, segundo a evidência mais íntima do conceito e da identidade do novo.

A vitalidade comunicativa de Luís assombra com a graça infinita das suas imagens, com a riqueza requintada das suas cores, com a sugestão delicadíssima dos seus informalismos, com os dotes interpretativos das suas vivências dignas de um pincel magistral. Luís Soares é um dos pilares da renovação plástica de Portugal, um dos melhores espécimes do informalismo deste século. A sua pintura é a de alguém fora de série. De alguém com uma classe superior. Enquanto continua a sua caminhada para chegar a uma atmosfera própria, desenvolve uma actividade invejável, grande entusiasmo no trabalho, além de capacidade de execução.

UM PINTOR VISCERAL

Soares é uma pessoa em que sobressai o talento comunicativo e o carácter vigoroso, um peregrino nas sendas pelas quais se chega a novidades vitais.

É um devoto da criação, que acarinha um caminho estético com inquietudes contemporâneas.

É um pintor que pinta com denodo, nervoso e ágil nas linhas para dominar formas plásticas que lhe são próprias.

E é também o artista de corpo inteiro, que se destaca pela sua riqueza plástica, dotado do vigor mágico que a cor e o desenho conferem.

A execução criativa pressupõe um esforço em si, como é evidente. Mas não se trata apenas disso, mas sim de estar enroupado por uma linguagem pessoal. Um aspecto singular que o artista produz é a sua imaginação, que acolhe uma perspectiva lúcida, inclusivamente participativa de uma mitologização sensível, emocionante e mágica. Mas não se limita apenas a desenhar com donaire, porque, embora educado por meio da arte, se pode considerá-lo um pintor durante toda a vida.

Felizmente, o português está longe das modas e dedica-se à pintura - a uma boa pintura, aliás -, o que testemunha a favor da sua constância no ofício. Como símbolo dessas formas aqui fica uma trilogia: sonho-realidade-pintura. E o resultado final é uma pintura executada por impulsos, informal, surrealista, cujo onirismo surpreende, mas, seja como for, decididamente longe dos carris da facilidade.

Cada exposição de Soares ao público se pode considera um autêntico acontecimento, por ser um artista capaz de expressar, com uma poesia sugestiva, a partir da pureza das suas obras incessantes, o belo, o bom e o muito que contêm.

Luís entrega-se com verdadeira paixão à tarefa de pintar para a qual está dotado de uma capacidade inigualável. Contribuindo

com um forte simbolismo como forma de expressão das suas emoções. Criatividade intensa a sua que o coloca num lugar muito destacado nas exposições que faz, e o leva muito além dos limites geográficos.

Soares disfruta de uma mentalidade de pintor, tão necessária quando se executa um trabalho tão difícil quanto atrevido, e para, entre ventos e marés, se sair airoso da prova, com um saldo positivo. O que será justo reconhecer.

O impulso, e a inspiração levam-no a gerar por meio da pintura, e é das invenções pessoais que surge a sua diligente actividade de criador.

COMENTÁRIO PESSOAL SOBRE SOARES

Desde que soube da sua existência e o conheci a fundo, subjuguou-me o universo das formas plásticas de Soares - um mundo próprio, diferente e desacostumado, transmitindo a quem se insere nele uma inquietude que é sempre de agradecer. Além de ser um exemplo de coerência e de não sucumbir aos encontrões da moda, demonstra uma execução fácil mas exigente, digna mas também idealizada, que constituem caminhos convergentes na boa senda que se abre como futuro deste grande artista. Satisfaz-me risonhamente poder comentá-lo com profusão, falar dele, porque a sua arte me impressiona, por conter o virtuosismo que serve para despertar a imaginação adormecida dos espectadores. São peças que se assemelham a espelhos deformantes e perturbadores, não feitos simplesmente com vontade de agradarmos sim compostos com um afã de acordar interpelante e criar estados de ânimo, o que também é caso para se lhe estar muito grato.

A magia do solitário fala por si só, como eu escrevo acerca dele por motivos de admiração e amizade.

Sempre levando muito em conta a sua produção, inspira-se na temática imaginativa e dispõe de uma qualidade suficientemente sólida para permanecer no panorama dinâmico, vertiginoso e movediço da pintura dos nossos dias.

Além de executar uma tarefa maratonista, mas calibrada, no sentido de um "faraonismo" criativo (como se tem julgado a minha) por estar "vivo e de boa saúde", saliento a fluidez e o brio da mesma, porque as qualidades descritíveis são garantia de sensibilidade, imaginação e fantasia, não falando já de um enorme valor plástico emotivo e testemunhal.

Fazer da arte um ofício quotidiano, transmitido dia a dia, em todas as esferas da produção estética, é a incumbência que o português se tem atribuído a si mesmo. Quando se vêem os seus

quadros, quando se volta a examinar os seus trabalhos, é possível estabelecer contacto com um dos melhores artistas do último quartel do século que decorre. Está onde deve estar, projectando-se tanto numa obra plástica pessoal, que cultiva ao ritmo da sua própria criação, como nas suas múltiplas facetas, por meio de tantas chamadas de uma obra múltíplice consegue urdir o testemunho, bem provido pelo conhecimento da aposta experimental, entregando-se plenamente à plástica e salpicando-nos de arte, com a riqueza ilustrada das suas peças.

Da mente fantástica de Soares brotam atitudes belas e harmoniosas emoções, captadas com rapidez, sortilégios esotéricos, deuses mitológicos, galáxias seres estranhos, de estilo fino, muito entusiastas, de grande ténpera e habilidade, coerentes com o assombro de quem as criou.

Ao fazer referência às muitas impressões que me provoca a arte de Soares, advirto que é penetrar nos seus meios, no profundo sulco aberto por este autor muito aplicada. Já me explico. A sua arte causa-me uma impressão favorável porque não é casual nem obrigatória, porque está feita por pura convicção, porque a Soares lhe atrai o que faz, e porque não abdica da sua mensagem - por muito duro que seja o trabalho.

É o caso pessoal do artista que faz da pintura uma forma de vida. Que tem habilidade técnica no sentido mais amplo da expressão. Acolhe a beleza que ganha vigor na sua actividade criativa. Por esses motivos e razões convincentes, é protagonista, na pintura portuguesa de hoje, em liberdade e com uma voz própria e imaginativa.

Trata-se de um artista realmente singular, que faz da arte um acto de lucidez quotidiana, com vivos propósitos de executar obras de maneira natural, faculdades que lhe servem para realizar o seu sonho ideal do trabalho artístico, como são, verbi gratia, a postura, o desejo e a vontade com que materializar rápida e

simplesmente uma ideia concreta. Assombro oportuno com o jogo vital deste centralizador da pintura portuguesa e universal. A maior parte da sua produção, coadjuva uma faceta lúdica e está feita com materiais plásticos variados. O artista português despe a alma para sentir a grande atracção de criar. O que tem, para si, um significado especial. Para desenvolver a investigação escultórica, ou para aguardar o processo criativo e o transferir para a tela, carrega os sentidos de beleza, com certeza captada no caudaloso rio imagético da magia e do mistério universal. Julgo que com a sua energia vital atinge um conhecimento das mensagens secretas percebidas através da emoção, derivando dessas mensagens um fascínio hipnótico que prende o olhar do observador. E também uma capacidade de assombro perante o grande enigma da cor e das formas, essa relação de comunhão que o artista tem por tudo o que criou e que serve, na sua arte, de processo para libertar as formas.

Quem vibrar perante estas realidades visuais inéditas, encontrará facilmente resposta para a arte de Luís. Uma arte submersa nas essências mais válidas da nova concepção da realidade, que rompe inclusivamente com a tradição, de épocas pré-contemporâneas. Uma arte a que se entrega com paixão, entendendo-a como espectáculo estético, nascido da sua biologia pessoal. Uma arte que vai levando a liberdade gestual a um grau profundo de quotas de captura, a que só podem aceder os criadores artísticos privilegiados. Como Soares, um artista com projecção internacional que concebe e apresenta pinturas e esculturas.

Luís Soares pertence ao grupo superior dos pintores vivos que se salvam das épocas com uma identidade estética: a raiz profunda da sua própria pintura.

Um nome que se recordará - o de Luís Soares.

Uma vida artisticamente cheia.

Um homem que pinta tal qual vive.

Se se tem de considerar a arte como o toque mais sublime que o homem possui na sua vida, então, cada obra de Luís Soares é um voo mágico avivado pelas suas fantasias, que não nos enriquece apenas, mas que também nos transporta a um mundo - que não este - mais íntimo, mais renovador do espírito que ateia os sentimentos porque faz da vida - através da arte - uma missão milagrosa e uma visão quimérica.

A CRÍTICA MANIFESTA-SE...

(Excertos de textos escritos por outros escritores/criticos de arte)

ÍNDICE

Elementos para uma biografia
Perfil e estatura de Luís Soares
Luís Soares, artista multidisciplinar e completo
Fórmulas, aspectos e características da sua personalidade artística
Exame teórico de Soares
Épocas, referências e períodos
Repertórios, itinerários e tendências
A obra em marcha
Uma visão inquietante da arte criativa
O atractivo misterioso
As fantasias animadas
A actividade e a experiência estética
A arte pictórica da figuração livre
O sentido cromático e a linguagem da cor
A graça formal: ânsia pela forma
Soares visionário
A imagem psíquica
A potência do signo
Um informalista resoluto
Um pintor visceral
Comentário pessoal sobre Soares
A crítica manifesta-se ...

La tarea del artista portugués

luís soares

Mario Ángel Marrodán.

La tarea del artista portugués
Luis Soares.

Lo que hace que yo sepa lo que quiero poner en mi obra, y a lo que me esforzaré en llegar aunque tenga que hundirme, es que tengo una fe absoluta en el Arte.

VINCENT VAN GOGH

La célula bella.

JOSÉ ORTEGA Y GASSET.

**Perfil y talla del artista luís
soares**

Pintor (inclasificable: por las mil tendencias y variedades temáticas), dibujante (afiladísimo: por la seguridad de los trazos de su lápiz), ceramista (dominador: de la doméstica técnica) y escultor (experimentalista: de la expresión de la materia concebida a su estilo y conocimiento), Luis Soares se halla ligado a todas las normas investigativas de trabajo en la pintura, escultura y cerámica dentro de su trayectoria. Sus personajes emiten un mensaje, diálogo lanzado a los cuatro vientos, con el que escuchar a los totémicos inquisidores que encierra. Provocando con el sabor extraño de las calamidades en tiempos de bonanza hace vibrar a ese instinto heterogéneo que con tanta rareza de comunicación coloca los lineales perfiles de las figuras. Trasuntos de vorágine y acción, temas paroxísticos, asuntos de agitación interior tumultuosa vistos desde la expresividad de un arte diferente, actos de fuerza con disfraces de las imágenes hechas patentes por quien esta experimentando con las formas desde la dedicación personal de sus concepciones, creencias y emociones.

Su extensa obra, que no por compleja es difícil de entender, queda situada fuera de ese arte superficial que tiene éxito en la sociedad de hoy. El suyo hace pensar en una crítica conceptual elaborada esperpénticamente. Las técnicas agresivas, la sensibilidad original, los niveles de agudeza y las figuras grotescas a través de un estilo acrobático y caricaturesco en, la gran escala de los artistas individuales, aquellos que sostienen el logro, el asombro satírico y el talento picasiano en la propia fascinación del espectáculo de la pintura.

Soares trabaja con elementos telúricos, metáforas alegóricas que se acercan a la brujería, con los elementos espirituales que tienen su equilibrio entre el estado interior y la realidad externa "valle inclanizada" por su instinto inconsciente mezcla de intención, choque, estado de euforia, arranque emocional, ataque de valores y oficio de un arte libre. ¡Soares "superstar"

Recoger en un comentario todos los matices de la paleta de Luis Soares sería punto menos que imposible. Redescubirla, aún peor. Ello no obstante, para que el lector-espectador pueda impregnarse de las sensaciones que producen los cuadros de este pintor luso, nada mejor que resaltarle los alardes de invención de la comedia patética del tiempo y de la vida problemática solucionada por sus propios medios expresivos sobre la supervivencia de las almas de sus protagonistas. Hacerse idea de lo expuesto equivaldría a reconocer los sentidos que le mueven a pintar, como en una orgía expresiva. Para poder resaltar el alcance de mi aserto en torno a Soares (la crítica al acecho), que esta en plena creación de imaginación y de conocimiento estético en los aspectos técnicos, tomo algunas líneas prestadas de la excelente pluma de María Zambrano para glosar la figura y la obra de Luis Soares en su contexto individual y analítico: "El artista, al crear, remeda la creación divina y crea una eternidad... virtualmente. Es el juego, el juego profundo del arte".

Arte en acritud gráfica de respuesta de sujeto a objeto, de realización plástica que habla por sí misma de razones modernas para conmocionar la imagen (la magia de la imagen diferente resultante de los "asemblages" de muñecos energéticos y de las

formas espectrales de los recursos pictóricos que son sus medios más habituales de expresión. De ahí esos cuadros bien delimitados, que permiten asignar una dosis fría, calculadora y geométrica, mas manual que de reconocimiento por la geografía visual y ambiental o el ámbito natural, que han sido pilares más identificativos que descriptivos para transfigurar su enunciado artístico.

El polimorfismo de Soares pone de manifiesto el quehacer de dibujante de consistencia suficiente para que sus obras de arte tengan un polo de atracción. Fascina este proceso tanto en las estructuras básicas cuanto en los vínculos de similitud, que le identifican, sin abismos, en sus distintas (pero no antagónicas) formas de trabajar. No son ataduras, son expansiones. Si hay que entenderlo desde el contenido de la independencia absoluta no es menos determinante en ella al descubrir los hallazgos que movilizan la fantasía del espectador, le marcan la diferencia de una personalidad que rebasa escuelas e ísmos y da lecciones de oficio de cómo se pueden conservar en la corriente misteriosa, inquietante, mágica y surrealista sus inagotables composiciones.

El lenguaje específico, con ciertas notas de "kandinskyanismo" en él, constituye su experiencia pictórica en el trance que va de lo real a lo maravilloso y que habrá de depararnos aun nuevas sorpresas, con ser muchas y válidas las anteriores. Mientras se va adentrando en honduras íntimas según lo avanzado de su presencia artística que le impulsa a encontrarse a espontaneidad del color y de la línea-casi de mental improvisación, de trabajo identificativo - recoge la sobresaliente creatividad del artista plástico Luis Soares, portugués y universal: icreador de un mundo personal!

Luis Soares, artista
multidisciplinar, total y completo.

Este compendio de las diversas etapas, series o tendencias creativas del artista portugués Luis Soares reúne una muestra antológica, con su estudio correspondiente a cada parcela de la totalidad de la obra compuesta por el citado artista, en los distintos géneros que viene cultivando, con rigor, invención y depurada técnica: pintura, escultura, cerámica y dibujo. Su labor artística es un hermoso documento de orfebrería creativa. En ella se aprecia la vocación investigadora de un valor que sale de las fronteras patrias para universalizarse, rompiendo el aislamiento que cada nación impone restrictivamente. Ha sabido guiar sus primeras tentativas plásticas a un factor de

coherencia sin el cual no le sería válido el testimonio de su visión del mundo, que plasma tan originalmente. Conversa con los espectadores disfrazando de carnaval de los recuerdos a sus obras. Participa con los demás desde la galería de personajes celebrando el ambiente variado de sus historias inventadas. Celebra con modernos procedimientos el goce estético, siendo su vocabulario expresivo directo y eficaz, apropiado para transmitir el sentido de sensibilidad a sus semejantes, fruto revelado de forma transparente por una mentalidad que contiene el lenguaje de la invención fantástica tan importante para el papel vital que, como hombre, como persona, como creador plástico, como artífice, su arte representa.

El prestigioso creador portugués Luís Soares, destaca por la fuerza expresiva de su arte, en el que la materia pictórica y la técnica son los ejes sobre los que se soporta el lienzo, la cerámica o el bronce. Su experiencia abarca un deseo constante de búsqueda y de afán realizador en los campos cromáticos, por los que discurre pleno de libertad, articulando sensaciones, aplicando con calidad la materia, llevando a las figuras a ser protagonistas de una acción: aquella que el trazo creador inunda a nuestros sentidos de dibujo o pintura, lienzo o tela, óleo o tinta china, lápiz o cerámica, escultura o serigrafía. Este oleaje de composiciones plásticas atrapa al espectador realzándolo y recreándolo.

Su trabajo en el campo del arte, aparte de sorprender, es multidisciplinar. Poseedor de un propio universo de las formas plásticas, en el marco de sus múltiples tendencias creativas, ¿cómo es posible no reconocer los méritos o tener en cuenta el trabajo callado, el esfuerzo que se asiente en vértices tan significativos de la vanguardia? ¿Cómo no saber apreciar la honradez, el criterio, la decantación que tiene el realismo mágico de su pintura? ¿Cómo no observar y con ello concentrar la atención en su rica personalidad, con tanta fuerza vital para el logro estético?

Pero va intuitivamente más a la pintura. En ella y con ella profundiza en los sueños, haciéndolos fecundos y maravillosos. Quien a menudo desee hacer distinto uso del que habitualmente hace desde su facultad mental de individuo en lo que le rodea y acontece, vaya a verlo y se pose en actitud contemplativa frente a estos rostros cargados de significados en la burla, la máscara y la ironía y encontrará en Soares sus figuras fantásticas y oníricas tan ligadas a su origen mozambiqueño.

Qué lección de variantes para todos los gustos! ¡Cómo sobresalen las tenues pinceladas de una realidad variopinta! ¡Qué moral artística tiene el autor para reflejar estos fantasmas, fantasías e invenciones! ¡Cuánto recuerda el arte africano, que tan bien conoce, en sus influencias y con sus diferentes motivaciones!

Pintor, escultor, dibujante, cartelista, grabador, grafista, ceramista, todo es el amplio recorrido de su dedicación que le permite al filo del ingenio establecer el nivel de su representación. De estas opciones estéticas entresaca lo más adecuado al momento de la elección. Con su trabajo en los distintos campos de la creación enriquece las recientes tendencias artísticas en plena fase de producción.

Yo diría que interpretar a Luis, no es cosa fácil. Se precisa un desbordamiento por su fecunda fertilidad, que es el encendido atributo con el cual incrementa el vigor plástico; se requiere una entrega sensitiva a su dimensión estética, que es ese personal sello mágico-simbólico con el cual transmite su más íntima ansia, resuelta por la luz iluminadora de su corazón ardiente.

En torno a su nombre artístico se congregan estos múltiples atributos, un serigrafista estimable, un dibujante interesante, un ceramista valioso, un escultor importante, un gran pintor porque sabe lo que quiere pintar y cómo hacerlo; y un artista completo y total de grandes hallazgos y de continuas visiones, que es el actor ideal de su propia obra.

Renovándose en sus obras, que siendo tan suyas parecen nuevas sin dejar de ser absolutamente identificadoras de su hacer de creador, demuestra el filón heterogéneo de ejercicios y testimonios que le permiten extraer las savias de sus nuevas creaciones. Como artista singular, como artista polifacético que hace la guerra por su cuenta, ocupa un lugar destacado en el arte internacional del momento, siendo, a mi parecer, un artista consciente de los valores estéticos con que está dotado.

Su corazón de pintor, su orgullo de escultor y su dignidad de ceramista le confieren muy alta categoría artística.

Cada parcela que cultiva queda muy acorde con su nutrido y buen hacer artístico. Privilegio el suyo de tener una facultad de expresión fuera de lo normal. Como un instrumento de la modernidad temática que la adorna también el bastión estético le resalta, le destaca como artista vivaz, como creador con sus claves, como recreador en saturación. Porque méritos no le faltan, en su firma se cristaliza uno de los mejores logros y una de las aportaciones fundamentales de la pintura lusa de hoy.

Por supuesto que el mozambiqueño parte de un primitivismo natal para pasar a otros esquemas estéticos de una mayor intensidad entre real e ideal. La selva mágica transitando a nuevas formas, figuras, rostros, comunicaciones y presencias materializadas por el pensamiento a fórmulas zuréales. Si la circunstancia genética le hizo ser artista, este soporte le transforma en creador multirracial, ilustrado en su discurrir por las diferentes culturas que le impactan. Con ese lenguaje de expresión que le retrata, una continuidad de obra le avala imperativamente, al punto de ir quedando desde el mosaico de sus apariciones plástico-artístico-estéticas como un modelo de polimorfismo.

Formulas, aspectos y
características de su
personalidad artística

El nombre de relieve del escultor-pintor Soares se abrió pujante a las nuevas perspectivas pictóricas como puro testigo de esta época que tiene el lujo de "tenerle" consigo, como solitario solidario que conoce y expone con gran emoción y con un oficio singular para nuestra satisfacción íntima, porque vive en cada uno de nosotros desde la lección de arte que desde cada cuadro nos da.

La vida le aparece como una representación. Vida que da frutos sugestivos y que el artista recoge a través del orden iluminado. Luis pone ojo avizor al hecho vital. De él extrae todo género de conclusiones, cuya creatividad merece ser considerada lección de vitalidad pictórica.

Artista en progresión, Luis se rompe en mil formas, puestas cada una en su sitio, con meticulosa ordenación. Son los hitos de su estilo, porque la vida anímica irradia sobre los diversos impulsos del pincel. En sus composiciones hay un diálogo del yo con la lectura universal que explica cada obra particular. Es intenso, sutil, lo mismo al evidenciar la categoría de la obra pictórica que cuando toma el relevo de lo matérico en su esculpir. Soares lleva en la sangre la riqueza vivencial que atesora al unísono con la ambición del verdadero creador.

Admiro la virtud de la capacidad de ejercer la iniciativa para la que uno está llamado. Aúna el placer y el deber como ajuste de gustos estéticos y de detalles técnicos. Hay, en su principio de madurez, una intuición con fondo de sorpresa para ir la desarrollando. ¡Y, también, esa tensión suprema muy bien aprovechada!

La vasta carrera de Luis Soares ha atravesado varias y distintas etapas, pero sobre todo ha sido jalonada de elogios críticos, está subrayada por la calidad de su labor pictórica. Rebelde y simbolista de un lado; de otro, reflejando esperpénticos desasosiegos y misteriosas figuraciones, está hecha con fuerza de expresión y cubre los espacios ambientales con una perfecta armonía de planos que nos dan sensaciones inconformistas desde la línea febril del dramatismo.

El pintor portugués reseñado tiene una "envenada" (de estar en vena o en trance), pasión de búsqueda de temas y de manera continuada a una labor aislada, como aliento que le nutre, produce. Y lo hace con ruptura de moldes sin olvidar la coherencia y la sustancia de lo que refleja en unas obras dejándonos entrever esa aura sacramental que lo envuelve al misterio que tiene el artista.

Para concebir, disponer y mejorar la trama temática, la hace conjunta con la efusión creativa y el alarde ingenioso.

El quehacer de este pintor, bueno donde los haya, realizado con asiduidad, abarca aciertos ampliamente reconocidos. Los apoyos temáticos más característicos y significativos de su obra son la claridad expresiva de las figuraciones junto a las naturalezas muertas, la intensa respiración colorística, la desnudez existencial de la persona en el lienzo, la emoción transcendida de la interioridad del personaje compatible con el contorno geográfico, la actitud de la independencia que nos prende.

Busca sin regateos (desde una perspectiva propia), coordina la expresión esencial (porque si algo define sus atributos como ser individual es ésta), anímicamente pelea con la única arma que conoce y domina, la paleta.

Se cultiva en la auto independencia. Vuelve a pintar con una delectación de la expresión y forma, porque sabe que la pintura está dentro de él, es un acto de integración total, de entrega y creación, parte consustancial que le funde y le ciñe a un ritmo superior, exaltador del contexto por el que se hace entender, por el que su impulso creador de experiencia humana se hace entrega y luce con coherencia en la singular concentración de cada cuadro.

Surrealismo gestual simbolizando la plástica maravillosa de los seres inventados; caras fantasmagóricas; curvas y líneas desusadas; miradas cruzándose; variopintas imágenes; parejas deformadas; rostros en las sombras; cabezas trazadas con libre disposición; animales inverosímiles; monstruos irreales; marionetas alucinantes; adolescencias nostálgicas; encuentros irracionales; mutaciones de lo normal a lo fantástico; ojos mirando al infinito; descubrimientos infantiles; expresionismos pintados con rayas; series unidas por el conjunto individual del grupo; signos sin explicación lógica; heterodoxias mímicas; figuras a contracorriente de la vida; familias marginales; destrozos y choques galácticos; sexos curiosos; prostitutas sin besos; mujeres sentadas; mitos y tentativas e los sueños; abusos de los derechos del hombre; marionetas en las cuerdas; contemplaciones de la luna; flautas mudas; peces de colores; reptiles en cautiverio; azulejos que resultan seductores; anirismo que nos deja perplejos; visiones cubistas; composiciones que parecen demenciales; pinturas acrílicas de gran fuerza exhibitiva; cerámicas de objetos y sujetos estrafalarios; armonías del extraño tema con el color en el acto creativo. Todo esto es cuanto impera en la riqueza de formas simbólicas hilvanadas temáticamente por Luis Soares en sus cuadros más representativos.

Andar tras la huella "soaresiana" equivale a personalizar el arte africano. Preferencias y descubrimientos en él que le llevan a jerarquizar su propia obra a través de estas obligadas referencias que encuentra fascinantes. Máscaras con pátinas muy sensuales y elegantes en la factura de la cerámica. Tótem que parecen agredir con todo descaro. Objetos que rivalizan en el nivel técnico y la inventiva de las formas. Cuadros con una expresividad fantástica que suponen para sus contempladores un divertimento revulsivo.

Su valentía artística queda demostrada en cada una de las obras que ejecuta, siempre libre en sus concepciones de artista, dentro de la decisión de hacerse gran artista. Obra caudalosa la suya, lúcida y perfectamente bella, que, por tener, tiene ante todo un fondo insobornable de rebeldía e inconformismo que le caracteriza. Esto no quiere decir en modo alguno, que ejerza un protagonismo inadecuado o un falso sueño con su arte, sino que éste le sirve de refugio, así como de visión de su responsabilidad individual.

Quiero dejar constancia cumplida de que resulta agradable ser beneficiario de esta obra tanto humana como animalística, en la que la intencionalidad del creador portugués indaga su mundo interior para dárnoslo a conocer en un testimonio que se plasma diciendo: este es mi arte. Gustad de él. Es la manifestación de mi espíritu. En él resulta patente la reafirmación de mi personalidad.

Examen teórico de Luís Soares

Ser crítico no es oficio necesario si se considera presentador o telonero, pero siempre es orientador y conveniente hacer de introductor, testigo y testimoniador de aquello que se interprete. Sobre todo para dar fe de la clase y aval de la categoría, cuando el caso lo requiera. Ciertamente que hacer crítica es misión harto baldía, sobre todo por los escasos resultados positivos que se suelen dar, pero ello no empecé a practicarlo como un mal necesario, seguirlo adelante como el prologuista de un libro, que abre paso al lector guiándolo por las páginas que siguen a él.

Por tal motivo doy fe crítica de que Luis Soares es uno de los grandes, de los inmejorables, de los originales, de los más firmes puntales plásticos lusos que en Portugal se abren a los cuatro puntos cardinales de la universalidad.

Similar a la consideración que tenía (y aún tiene), don Julio Caro Baroja por su maestro Telesforo de Aranzadi, confieso públicamente la tengo yo por Luis Soares (y eso que no quiero ser turiferario derramándole gratuitos inciensos) como pintor, como artista, como hombre de bien, como amigo, mucho le aprecio y le apreciaré en tanto en cuanto ambos vivamos. Por tales motivaciones le extiendo certificado de buena conducta plástica para lo que mejor disponga de él.

Luis es transmisor de un trabajo manual apasionado, pero ordenado por quien está continuamente aprendiendo y enseñando. Tanto en el pintar como en el esculpir. Su caso es el de aquel que no copia, sino que interpreta; que no imita, sino que inventa. Practica un oficio de gran atención para él. Un recreamiento surreal fluido e instintivo. Una obra con la que demuestra que no solamente revalida el viejo dicho de que el artista nace, sino que acrecienta el hacerse artista de hoy y de mañana.

Está dotado de un espíritu artístico en el que es práctica habitual el dibujo y la pintura. Con una temprana inclinación hacia el dibujo de creación, a través de un dinamismo y una búsqueda imposible de discutir. No se le puede negar espontaneidad. Está primariamente predispuesto a estas vivencias intuitivamente y sin esfuerzo, por pasión y por habilidad. Lo suyo es la pintura. Lo suyo es el arte. Esculpir, pintar, modelar, dibujar, plasmar, inventar, crear. Obsesión por el espíritu receptivo de su trabajo. Hace lo que le sale, pero puede hacer perfectamente lo que quiere. Busca siempre. Logra hallazgos casuales, pero preconciendo que va a lograrlos. Al arte le arrastra una fuerza incontenible. Esto aparte, es un trabajador infatigable.

Un caso digno de mención y harto complejo para tener de él una lectura superficial. Una propuesta en la línea picasiana pero flexible a experiencias y descubrimientos de propio cuño.

El buen hacer "soaresano" surge apasionado y lleno de afanes expansivos. Con él pone grandeza en el empeño.

Soares es un trabajador denodado, persistente, aunque a ráfagas, que tiene por cuestión estética - es su misión- para contraer méritos artísticos la exigencia de la creación (técnica, color, forma, poesía que se juntan en ella armoniosamente) porque la

cuestión primordial que se plantea es ir captándole mensaje y pintándolo bien, reflejarlo del mejor modo posible que está a su alcance. Con su conciencia de crear y respeto por la responsabilidad, en el sentido idealista de la práctica de la pintura, se nos presenta con unos rasgos claros y definitorios, detrás de los cuales hay luz (la que se alumbra), buen gusto (el que le define), hay también virtuosismo (la jugosa pulpa intensiva que le caracteriza), originalidad (la que le da el sentido de lo bello como su cualidad más esencial) y denuedo de la lucha (consecuencia directa de sus valores plásticos que nos han abierto los ojos a una maravillosa realidad que existe en su pintura.

Tiene una paleta que armoniza energía y maestría, pero que también toma a gala plasmar en la tela y de modo intuitivo, el mundo fantástico como un misterio que nos seduce.

Luís Soares es un artesano de su obra, de lo que se llama pintura, de lo que se debe conceptualizar como una original y gran pintura. Y tal como se ve y comprueba, la disciplina del lienzo no le abandona. Como tal -pintor de raíz-, se ha hecho algo hermoso, bello, útil, ha querido ser pintor para toda la gente, para la gente de sensibilidad, como una tarea con la que construye un mundo grande, justo y luminoso. Soares es uno de los pintores jóvenes-maduros más radiantes, que recogen la inmensa lección del corazón humano y lo de nuevas formas de poesía, de fulguración y de esperanza. Esta pintura es un succulento palto de belleza o un trago demasiado dulce para no saber apreciarla como materia de melancolía y de ensueño. Porque sabe, porque conoce a fondo, que su pintura, dentro de la pintura, entra de lleno en el ámbito legendario de la patria de los sueños.

La renovada y renovadora pintura soaresiana merece comentarios laudatorios como los míos, que le dedico convicto y confeso ante su gran arte, al que quiero expresar mi rotundo parecer afirmativo en este caso de aplauso a un fasto de color y semifiguración como en ella se puede ver y observar, se debe admirar y contemplar.

Yo calificaría a Luís Soares de pintura de acción. Porque opta desde un principio a llevar un ritmo infrecuente en el recuadro, estableciendo un sistema de correspondencia donde experimenta lo físico del trabajo con el proceso de invención espontánea, tan en boga en los pintores creativos que él representa. En esos pintores que intentan huir de los énfasis retóricos y excesos literarios, a quienes no importa buscar con decisión la clase de pintura por la que apuestan.

Luis Soares es una de las figuras más singulares y polifacéticas de su generación en el arte portugués y una de sus personalidades más significativas. Ambicioso de imágenes dentro de la ficción-pop, más que un cronista de actualidad, es creador de un universo pictórico de artista responsable que va desde el dibujo de notable realización hasta la técnica serigráfica en el ejercicio continuo y perseverante de un oficio tan inquietante, mágico, genial e irreplicable. A través de los años hemos ido conociendo los frutos de sus avances junto a las ansias de expresión que nos indican el pulso y la temperatura de la imaginación para reflejar, con inimitable estilo, que hace pensar en

pistas por las que ha accedido a un trabajo total. Su obra constituye una delicia. Representa una ventana acogedora por la que se ven pasar seres tan unitarios en su diversidad como idénticos a sí mismos. Ahí está dibujado, grabado, pintado, psicológicamente puesto en tensión, envuelto en un extraño misterio de formas picasianas, líneas, contornos, rasgos y trazos difíciles de calificar, sobre todo por su libertad expresiva.

Épocas ,referencias y períodos

Para una mejor comprensión de su trayectoria, entendida de forma evolutiva, de avance o proceso, podríamos separar o determinar por épocas los siguientes períodos en sus obras:

1º. - Período de formación e iniciación de su carrera (1967 -1974)

A esta época pertenece la obra comprendida entre estos años, especialmente formativos los tres primeros, mientras en los dos últimos consigue un despegue más innovador.

Es un período de tanteo, de influencia primitiva, en el que podemos observar el empleo del pastel sobre papel, sobre todo, o la tinta china también sobre papel, al menos en algunas de sus manifestaciones. Hay una descomposición cubista que va de la cabeza al último suspiro. Tentativa por descubrir, por asimilar material y por abarcarlo para sus propias aportaciones, aunque todavía se resientan sus composiciones de creación incipiente. Pero queda en ella un afán de búsqueda, por la que se siente fascinante en su arte.

Ya se decide a emplear la técnica mixta, al menos sobre papel. Esto supone una evidencia para el artista: investigar es avanzar y se avanza tanto en la apertura a nuevos temas cuanto en el manejo de otros materiales que los habituales.

2º. - Período de figuración expresionista (1975-1980)

Se empieza a centrar en uno de los temas que más le apasionan. Hacen Su aparición las figuras desfiguradas pero evidentemente retorcidas en la expresión. Figuras sentadas, sombras, escenas espeluznantes, hombres goyescos, grupos impactantes, férreas semblanzas a la hora de captar al protagonista. Se intercalan óleo, acuarela, pastel, collage en plástico, grafito, técnica mixta, que siguen teniendo apetencia de hálitos del color musculoso donde aparece con unos tonos fuertes y recios la figura como protagonista: el monstruo y el demonio.

En 1977 surrealiza-fantasmagoriza mas sus creaciones, o al año siguiente dinamiza las composiciones y mete mas gente que alucina en los sueños colectivos a la luz de la plástica.

En 1979 es su año del eros. Se posiciona y se obsesiona el artista con el tema: el honor personal es inquietado por la piedra filosofal que se le convierte en forma de las formas que nos maravillan.

3º.- Período de formas abstractizantes (1981-1983)

En el recorrido por las ciencias ocultas que las formas plásticas hacen a veces visibles, incluso en gouache, este autor fantástico y misterioso conduce por los laberintos de la pre-abstracción en el oráculo pagano.

Protagonismo individual digno de derroche ante las bufonescas imágenes de

los sueños, que el artista sabe interpretar con distinción como mensajes oníricos salidos del ser creador.

Son como viajes astrales o evasiones del alma extraídos por simbólicos significados desde lo mas profundo de la mente. En virtud de ellos interpreta tales mensajes como la expresa voluntad de los dioses los dicta. La ensoñación como debe proceder la mente para someterse a los exorcismos de las artes "augúricas". Visiones de poseso que abren las puertas de las facultades alucinatorias del espíritu que dijera Spies para Max Ernst, lo cual supone un profundo cambio para su obra creativa.

4°.- Período simbolista (1984-1985)

Pródigo año el inicial de esta tendencia. Aunque haya mezclas en él, multiplica la armonía, la capacidad de soñar. El sentido metafórico en materia de creación artística tiene su razón, principalmente, en las vivencias personales que le fundamentan.

Hay mucho que advertir en esta tendencia o estilo que parece dar cierta extravagancia a su obra, pero que en el fondo el artista la ha elegido conscientemente para poner en claro la visión lúcida sobre el mundo del yo. Un vacío inmenso que se le enfrenta en el cuadro cuando comienza a pintar. Unas dudas de sí mismo de cara a los demás. Entonces invoca a la belleza, la templa y manda, para plasmar eso mismo que él lleva dentro. Este pequeño trazo de su ser es el que le vincula a una identidad exterior. Los sentimientos del artista logran increíbles efectos oníricos-simbólicos por estar expresados en toda su insólita cota de creatividad.

La obra resultante saca nuevos símbolos de los viejos mitos de la pintura (que pasa de Picasso a Miró)

5°.- Período del esquematismo (1986-1987)

La capacidad creadora se mantiene en tensión aquí.

La forma estética de la paleta se torna en caligrafía.

En la simplificación nueva del color y del detalle radica todo su valor.

Se vislumbra una etapa de esplendor, que le marcará definitivamente a través del rayado.

6°.- Período investigativo (1987-1988)

Investigación necesaria para profundizar en la plenitud identificadora a la que ha llegado.

Confirmación de las formas inventadas, la técnica, el color y la figuración ideada, se conjuntan en un avanzado estado del artista que se ha encontrado a sí mismo.

Empleo del acrílico sobre papel sublimizando el procedimiento.

7º. - Período informalista (1989)

La creatividad pictórica ahora le va a alcanzar declaradamente informalista.

Continuidad de ejercicios anteriores, por eso se pueden acoger a este período varios de los que ya hizo, pero que ahora sazona y madura.

Más que de evolución, se puede hablar de cambio no exento de continuidad.

8º. - Período orgánico (1990)

Asustan sus horripilantes imágenes que cambian lo erótico con lo fantasmagórico.

Permanencia de sus líneas compositivas.

Reminiscencias de los diversos grados que constituyeron empeños anteriores.

9º. - Período de ideas (1991 en adelante)

Trabaja con acrílicos sobre papel y tela.

Más jugosa vibración del color.

10º. - Período de cabezas (Esculturas) (Desde 1974 a nuestros días)

Comprende prácticamente todo el proceso escultórico.

Hace normalmente los moldes para escultura en esfero vite.

Impactan las testas, su garbo expresionista, su desatada fuerza (que es al fin la tónica general de su escultura, tan propia, tan suya y a la vez tan impactante)

Período realmente estremecedor.

11º. - Período tecnicista (Cerámicas) (1980 en adelante, hasta los 90)

Demostración de dominio del material, conocimiento de la técnica, buen gusto, variedad de motivos, magistral hechura, sobresaliente oficio, ejemplar dedicación, singular procedimiento de la clasicidad y de la vanguardia de este arte.

12º. - Período neo post trayectoria (Desde los años 90 y después)

De lo nuevo a lo neo y post.

Soares va avanzando, incluso con un acierto constante. Sus raíces se mantienen intactas, pero maduran. El artista experimenta y adapta su arte a las exigencias de este avance.

**Repertorios, itinerarios y
tendencias**

Pintor. Escultor. Ceramista. Grafismo. Dibujo

El ejercicio escultórico significa en él oportuna ocasión de relajación de la libertad de creación. Nada de objetos inventados sino sobrias cabezas potenciando la armonía o dando sentido de equilibrio a este mundo real trastocado por la polución, ruidos y fatigas contra el que se pronuncia denunciándolo, para destacar los efectos positivos de esta actividad.

Con ella recrea sensaciones mas que otra cosa, por ejemplo, mas que motivaciones del intelecto. Las intencionalidades de los materiales accionan a la experiencia humana como idea de expresión en los efectos dados a la escultura por este interesante escultor.

El conocimiento escultórico de Luis se traduce en el lado mas positivo de su animoso entendimiento. Uniendo a la voluntad la avidez creativa lleva a cabo personalmente, hasta en sus menores detalles, sus facultades de tipo sensitivo.

Ocuparse de la escultura de Soares entraña indagarla como forma de expresión enigmática, envolverla como una interrogación en su carrera del crear. No se puede pasar de largo en lo que con ella nos ofrece. Por muy dificultoso que parezca el proceso, el comentario crítico debe ser necesariamente cauto. Si interpretarlo es comprenderlo, hay que ser agudo para ver en ella- en su escultura- la abstracción, la figuración simbólica y la fantástica, la conceptual, la constructivista, el realismo, etc., o para apreciar mejor - sin pasión juzgadora- el saber de las técnicas de esta figura cimera de la joven plástica contemporánea consciente del sentido universal del arte.

Como los materiales que utiliza, la obra escultórica de Soares es dura, noble, difícil, complicada, innovadora, fuerte. El artista busca, explora en la misión de expresarse con los demás por medio de su personal lenguaje de formas inusuales. El escultor se adentra en el quehacer de un mundo que es el suyo y quiere hacérselo nuestro. En esta piedra angular se halla la dinámica creadora que rompe con los componentes tradicionales. Obra así se demuestra por sí sola, sin necesidad de adornos, rechazando incluso las rudezas, la contundencia de un esfuerzo por conseguir la idea creadora a través de un mensaje comunicativo de objetos y estructuras.

A la labor escultórica la desarrolla con una materia embriada. Podría decirse que la misma adquiere en sus manos una carga de sugestión, tan rica a la caricia táctil como incitante a la mecánica de la composición o novedosa y hasta exótica dentro de la técnica del volumen aplicada a la raíz de la nueva figuración en la escultura.

Con su constante y progresiva aportación a la vanguardia y al antiacademicismo, se aprecia en su escultura un equilibrio armónico de volúmenes y huecos, de materias y espacios, que con la expresión de las formas conjunta una catalogación no fácil de sus obras recias, compactas sobre las superficies que arrancan la expresión de la materia siendo un reto o un desafío cercanos a la gestual expresividad.

La esmerada hechura de sus cerámicas reflejan ampliamente su personalísima y sorprendente técnica, con un toque intuitivo en el rumbo vanguardista de que no excluye los valores básicos de la técnica clásica, respetando siempre esa medida del procedimiento donde la forma surge intensamente desarrollada.

El azulejo tiene en sus manos la solvencia profesional requerida en faena tan técnica como artística, pero de resultados estéticos brillantes –en el color, el derroche de imagen, la composición superpuesta– en un ente tan productivo y tan versado.

De su carrera de ilustrador (y en ella va implícita, entre otras labores, la serigrafía, tan cuidadosamente ejercida) quedan unas composiciones en las que se encuentra el placer de la contemplación silenciosa y de las que se extrae una visión diferente.

Las serigrafías dicen mucho a favor del artista. Se obtiene con un dibujo preciso, bien ejecutado, de fino trazo, puesto con una eficacia ejemplar sobre el papel. Señalo la espléndida destreza del arte gráfico como atractivo o como centro de atracción del pintor portugués universal.

No menos sugerentes son sus dibujos. Los construye a modo de trazos de formas que conectan con la pluralidad interpretativa del cuerpo creativo. Hasta cierto punto constituyen unos conjuntos de líneas donde las cabezas humanas conforman imágenes inquietas y nerviosas o unos elementos en los que apoyar el poder comunicativo de su propia obra de arte.

Con su creación levanta un edificio que se entiende mejor por su dibujo, que es excepcional y por el que siente una gran afición que es su conservada atracción. Sus líneas toman las formas como arabescos al servicio de la respuesta emotiva, espontánea, íntima y afectiva. Son ejemplos de habilidad, de fuerza que empuja al cuadro, de levedad sin peso, lecciones a lápiz.

Además de apuntes, notas de estilo, paseos gráficos entre el trabajo y la meditación (que es donde se esconde el proceso complejo de la ejecución del cuadro)

La pericia es una de las notas dominantes en su crear dibujístico. Se trata de metáforas variopintas dignas de todo elogio. Cuestión de saber que el ángel flotante del dibujo le acompaña.

Como un ejercicio de recuperación, descongestión y relajamiento de la tensión de las disciplinas más fuertes, como un laboratorio de las mismas, considera el papel como soporte básico pero de especial énfasis: las soluciones formales del dibujo y de la línea como propuestas del hacedor estético que representa en él –el dibujo– y con ella –la línea– a hombres y animales en una vertiente expresiva interesantísima.

Luis respira gran sensibilidad por sus poros y tiene irreversible inclinación al arte, sobresaliendo en su gran facilidad por el dibujo, por el que siente gusto especial. Es de temperamento artístico que aprende de unos y otros, ve mucho para aprender, pero sobre todo aprende de sí mismo. Con su nueva creación artística escala hacia el éxito.

Está claro que en mi consideración y como motivo de nuevos hallazgos expresivos, es artista de pinturas, esculturas y cerámicas con proyección internacional.

La obra en marcha

Es cuidadoso con las técnicas y fiel a los materiales que domina desde que se inició en el arte, ya sean lienzo, papel, barro, bronce o madera. Ha sabido evolucionar desde sus primeras creaciones hasta sus últimas obras, en las que las líneas y los ritmos añaden movimiento a las figuras desfiguradas.

Es artista original cuyo rasgo más distintivo es la pasmosa facilidad con que elabora su obra, obra por cierto muy bella y liberada de la tendencia dominante, ejecutada como actividad plena, dotada de lugar propio e independiente de la estética general.

El pintor, pincel en mano, tras largo elaborar para hacer las cosas bien, con responsable rigor, aumenta el ángulo de visión donde, justo es reconocerlo, tiene su mejor virtud: la espontaneidad con que produce.

Toda la obra de Soares derrocha imaginación y sensibilidad. No escatima aplicar ninguno de los variados temas que maneja con la intensa fragancia del consumado colorista y nos presenta la composición cromática y luminosa desdibujada por la luz, la sombra y el color. Lo cual confirma la ágil naturalidad de este pintor en todo cuanto realiza.

La categoría del artista se caracteriza por el amplio abanico de su concepción temática, donde encuentra cobijo su obra acomodándose a la perfección en lo que constituye una de sus mejores bazas personales: la fuerza expresiva, siempre bien controlada como lenguaje del autor.

Lo que se va viendo en él, es que sigue su trabajo, imaginativo y espontáneo donde los haya, y a la vez, cargado de emoción y de belleza. Alterna una dirección nueva con característicos cuadros de pinceladas irregulares, de color bien modulado, mundos de temblor, idioma elemental, que muestran un particular modo de navegar por la escena del arte actual.

Hay que ver la sorpresa y originalidad plástica para poder calificarle de completamente diferente y personal, digna de un pintor que tiene marcado sentido lúdico y de un hombre que convierte el arte en su meta.

Este gran artista mantiene siempre una trayectoria de una segura coherencia y de una plena sensibilidad, extraordinaria fuerza y belleza. Dibuja con una pasión casi enfermiza. No para de pintar, como recurso constante de su naturaleza creativa. Pienso que por esos detalles la obra pictórica es de expresión rotunda.

Cada vez que el artista portugués se decide a aumentar su obra, la mejora. Ofrece nuevos trabajos tras una serie de investigaciones en torno a su teoría artística. Obra que queda en sus más puras esencias y en sus contenidos nunca ajenos a la improvisación: con ésta, impregna de una especie de esotérica facilidad a sus piezas; se nos antoja que las da todo aquello que requieren para involucrarnos y hacernos partícipes del mensaje comunicativo que contienen.

Pues toda buena obra perdura, la de Soares -como labor considerable- también lo hará para las generaciones presentes y futuras.

Una visión inquietante del arte
creativo

Soares es un artista internacional que con sus pinturas y esculturas nos introduce en el primitivismo de la cultura mozambiqueña. Pero ampliando esquemas, va hacia una obra mas amplia, entre real y mágica. Lo suyo es comunicar formas, formas que son presencias africanas e ibéricas con que componer un lenguaje multirracial. Un mosaico de rostros surreales se ilustran bajo el soporte del capricho del impacto de las figuras que el artista abastece, idealizándolas.

La creación pictórica de Soares capta ciertas manifestaciones esperpénticas, que parecen imaginadas o inventadas a través de los sentidos. Yo diría que no dejan de ser para él producto básico de tanto y tanto cuadro derramado con profusión por el vasto mundo de la creación, pero también que puede quedar como una labor seleccionada en el arte de hoy.

Con alusiones a los tipos rituales, con su fisonomía especial, con su agitación corpórea, en el curso de la expresión legítima, aporta un tipo de producción que, por sus esfuerzos, por sus méritos, aparte de constituir gran turbación a la biología sensual por la soltura lineal de los contornos, ha dado lugar a una coherente variedad de producción artística llegada a una esfera de alta dignidad.

La capacidad férrea, junto a la capacidad de trabajo, conjuntan la dinámica imagen de Soares. Delante de nuestros ojos aparecen la cadencia armónica de los fuertes colores, la elocución chispeante de los tonos, la flexibilidad de los dibujos, el secreto que cubre los sueños, el brillo de las expresiones que se estiran como serpientes derribando a Laocoonte, son de tal calidad que encarnan la materia prima de un pintor excepcional con talento suficiente para acometer cuadros admirables.

Su labor creadora es como una alucinación esotérica que palpa el asombro con la máquina transparente de la paleta.

No en vano con Luis Soares se va de sorpresa en sorpresa.

No huye de las representaciones figurativas; lo que sí hace es "desfigurar" la figura. Pero no como un puro juego, como un mero acento lúdico, sino con los retazos tremendistas de dinamismo en los que pone de manifiesto su fertilidad nutrida y reconocible: esto último, porque la pintura de Luis Soares no se nos "despinta".

Laboriosamente, con la fiereza de quien encuentra invenciones en su emoción particular, pulsa ese patetismo arrebatado que es, a la postre, el que mejor le caracteriza, sin olvidar el acierto-pese al gran ímpetu con que compone-que halla en la pureza lineal.

Soares deslumbra, conmueve, arrebatada, satisface y alucina con sus llamativas creaciones, creando un clima de belleza auténtica por el derroche plástico.

A la hora de afinar que Soares es un artista, un seguro y excelente artista que hay que analizar con cautela, un valor del arte que dispone de sugestión en sus ideas sensibles, me baso en su contenido funcional-existencial que destaca por la potencia plástica de la expresión, además de ser importante por la magnitud de su fuerza creadora e inquietante por la manera de hacer desde la técnica de la creatividad.

A mí me parece que de la estructura de la pieza artística propia tiene Soares una idea muy sutil. Es una visión única de la expresión, por muy extraña que sea, apta para la fricción con la mente popular. Es la interpretación de un artista que lucha por conseguir símbolos del totemismo de importantes rasgos estéticos, a la vez que producir obras de gran valor expresivo y artístico a través de un mundo definido como pánico.

El atractivo misterioso

Dada la complejidad de todo cuanto en arte hoy nos rodea ¿cómo no percatarse de que su percepción es extrasensorial y está a merced de la actitud técnica?. Todo lo que se puede ver en sus obras también se puede palpar en la materia. De todo lo que se puede palpar en la materia igualmente se puede tener referencias en los sueños. Aplicado todo esto a Soares, empleado de lleno en el atractivo misterioso de su arte, por eso nos alucina.

El artista se somete al sujeto como objeto de su arte, pero desde la más desenfrenada y apasionada interpretación de la persona ajena. Ajena pero que es él mismo, como argumento estético, como disciplina pictórica.

Hay en sus manos que pintan desde el colmo de la imaginación puesta al servicio de la sorpresa, o sea, desde su imaginación colmada, el ritmo interno que permite admirar una pintura sin estridencias, abierta al mundo con frutos, valores y emociones pintadas.

La aventura del estilo le inquieta, más, le concede cierta dosis de misterio, pasando a la deliciosa fantasía desde la sagaz alusión y a la sagaz alusión desde la significación tentadora de su plástica.

Transmitiéndonos el goce estético de la contemplación, que el pintor sabe dar sacando máximo partido de calidades a sus trazos, se unen en una sola e irrepetible realidad el gesto, la técnica y la emotividad.

Luís Soares posee una gran capacidad creadora. Usa un trazo libre en la línea; es audaz en el volumen y el color, por lo que estéticamente es atrevido en sus composiciones. Un buen trabajo digno de aplauso, sobre todo por el estilo ágil empleado, que el pintor salpica de formas esenciales para crear un microcosmos pictórico diferente, inquietante y lleno de misterio.

Las fantasías animadas

Luís Soares es un pintor original que hace su obra exclusiva. Su concepción de la pintura se nos presenta con una imaginación impresionante, dando rienda suelta a cuanto idea, que es mucho y de lo cual puede hacer alarde. Las figuras aparecen fantasmagóricas y están pretendidas –y logradas– con el diverso, extraño e intenso enfoque que nace de su gran talento pictórico.

Su plena dedicación es bien demostrativa de experiencias y conocimientos, así como de inspiraciones en materia de sueños.

Novedosos, lo son sus cuadros. Por sus matices de color y por la vivaz imaginación de quien los ha hecho, los tenemos ante nosotros para disfrute y estupefacción. Por su nervio vivaz pertenecen a las nuevas aportaciones en las que se descubre lo admirable de la imaginación que las crea.

Como de una catástrofe salen destrozos y mutilaciones, lo roto, lo salvaje, lo ruinoso, así en los pinceles del pintor creador portugués “el carácter pánico” d’orsiano produce un escalofrío turbulento junto a una chispa de emoción cuyos ígneos resultados de primitivismo nos sobrecogen a los que somos sus espectadores.

Bajo las enseñanzas de su capacidad de fantasía y como exploración del equilibrista que es sobre cada cuadro, se puede decir que su pintura es metafórica. Por eso tiene un mensaje alegórico. No está hecha al uso corriente. No se rebaja a lo caduco del arte, sino que descubre, desarrolla unos cuadros significativos tan dignos del autor definitivo que los sabe diferenciar de muchos de los otros artistas contemporáneos.

Cuando se encuentra con un arte realmente sorprendente y bien estructurado, de propia identidad pictórica, hecho sin barroquismos, que además es imaginativo, intuitivo y personal, uno no puede por menos de sentirse obligado a calificarlo de valioso, especialmente por la belleza que nos turba pero también por el atractivo de su sabia deformación.

¡No en vano posee Luis Soares el don de la creatividad!

La actividad y la experiencia estética

Luís Soares pinta con codicia. Mejor precisado, persigue continuamente a la belleza moderna en su repertorio.

Luís Soares es uno de los pintores lusos mejor encuadrados en las estéticas de su quehacer, desde donde trasluce calidad, busca, plantea su obra, la labora, la imagina y se recrea con la múltiple labor del ejercicio de dibujante de historias, ilustrador de rostros, convertido en empeño artístico personal y determinante de sus visiones e ideas.

La presencia del artista en la atmósfera del arte es motivo suficiente para crear formas, líneas y volúmenes de belleza luciente.

Practica de un modo especial la tensión, que es: la expresión más plástica de la no-contención; el vigor estético como protagonista; la compenetración con su mejor voluntad; el torrente de colores analizado a través de los reflejos. Ambos componentes surgidos como un dominio del dibujo, de fino y potente trazo.

Producción extraña y personal, como medio de comunicación de quien produce una estética con el destinatario a quien va dirigida, y con el cual impacta emocionalmente.

Pintura de remolinos que produce efectos demostrativos de su talento verdaderamente creador.

Un mundo encantado como el de Soares está hecho con los ojos de la búsqueda intensa. El dinamismo de sus secuencias es impulsivo, vitalista, comunicativo, como el autor que lo lleva a cabo. Unido a la fuerza vital, dato indicativo de que se convierte en altamente expresivo por la mano de este artista profesional de la destreza.

La desenfadada soltura de sus pinceladas pone al descubierto las notas características de su artística personalidad.

En claves de encarnizado combate con los enemigos cotidianos del artista, a los que hay que superar para poder y saber crear, sus obras revelan oficio desbordado y un impulso creativo lleno de fe y vitalidad.

¡Vaya trayectoria! Si mira atrás el artista y mira lo que tiene hecho, además de lo que es como tal, extenso y variado, ni que decir que debe sentirse satisfecho. Magnífico trabajo el suyo que sirve perfectamente a los fines pretendidos del buen arte, demostrativo de que Luis Soares es un motor que no puede parar. Y de que tiene las miras altas puestas entre los hombres que saben de continuar la obra espiritual del Sumo Hacedor.

El Arte pictórico de la libre figuración

Luís trae nuevos aires con su estilo renovador, que le permiten configurar un universo de imágenes que cobra dimensión particular en su larga etapa de maduración. Etapa que refleja una trayectoria donde importa más el cómo y menos el para qué, acercándose con predilección a una figuración idealizada que en muchos casos se acerca más al impulso espontáneo del gesto de Picasso, pintor que en definitiva, juega en el portugués un papel decisivo y fundamental.

A través de los elementos de un todo, el de su producción global, ha llegado a una desvinculación figurativa que constituye el punto límite de su última temática.

Es la obra en óleos, bellísimos óleos, de este artista de temperamento independiente, aunque de parentesco cromático y de veta informalista picasiana. Pese a lo cual no se le puede restar autenticidad ni exigencia técnica.

Pintura gestual, mantenida habitualmente en tensión en la que lo manual conecta con lo mental y con lo artístico para obtener un peso específico en la vorágine pictórica de irrupción formalista o experimental.

Sus enfoques, intuiciones y preocupaciones son capaces de conseguir unas sutiles armonías que encuentran acertados tonos y están hechas más que para disfrutar, para inquietar.

La pintura de Luís es un canto visual a la plasticidad. Es la sutileza la que define. Hay en ella armonía compositiva, vértigo en el dibujo, derroche de color, atmósfera ensoñadora que la envuelve y sobre todo reto para descubrir un mensaje que nos recrea, nos sorprende e inquieta.

Pintura de absoluta pasión, cuya contemplación es tan fascinante como todo aquello, que, de verdad, vale la pena.

El sentido cromático y el
lenguaje del color

Vista en su espléndido conjunto, la exquisita belleza que cultiva se convierte en el "leit-motiv" de las obras, tan absolutamente fantásticas como pertenecientes a un guiñol de colorismos que impregnan de una especie de estado de gracia a toda la trayectoria.

Cuadros y figuras de protagonistas que denotan la profundidad de colorista de su autor. Un autor pictórico, por cierto, que saca su obra con la profusión, la elasticidad y la gran fuerza artística que lleva dentro. Y una paleta de cuidadosa gama cromática, desde donde pone de manifiesto su temperamento de pintor. Con la gran estampación del dominio de la técnica en la composición, con la diversa tonalidad en la preparación del color, con la concienzuda puesta a punto del lienzo y con la talla de un magnífico dibujante se denota el logro y la categoría que el mensaje del artista nos ofrece.

El avatar de la gestación del cuadro es en él preocupación primordial que se traduce en una disposición al espacio pictórico del que emergen las zonas de color.

Por la fuerza de la imaginación (capaz de sacarle verdaderos monstruos) de un arte así, se puede concluir que deja a los analizadores sensaciones de regocijo, placer, miedo, estremecimiento, espanto, angustia, pero nunca indiferencia. Gracias a la vocación individual de pintar, el febril cromatismo le da una reputación de vibraciones casi mágicas.

Bajo el signo de la libertad, este mago del color (deudor de las extraordinarias imágenes de Picasso) da vida a unas fantasías cromáticas que tienen una intensidad descomunal. Ellas son las claves mágicas que subrayan una capacidad para expresar ese su universo pictórico trazado con especial carga y ese espacio mágico poblado de símbolos, vivencias y percepciones transmitidas dentro siempre de su audaz estilo.

La gracia formal : ansia de la
forma

El pintor construye un lenguaje formal propio, que, al emplearlo en su obra, le ayuda a hacer peculiar su producción, tan dilatada e intensa, por razones de incontinenencia y avala su labor y dedicación. Acción creativa la de Luis Soares que está ahora en plena aportación de plasticidad con la fuerza expansiva de las circunstancias vitales, producto de una vocación estética y de otra creación dinámica.

El pintor portugués bascula con una carga muy poética en el ámbito formal, su aspecto de expresión humanística. La eterna lucha por encontrar el equilibrio entre contenido y libertad creativa no se siente atado por la técnica. El artista se libera de la técnica, aunque la tenga que aplicar a sus obras, por venirle dado desde el momento de la concepción de manera espontánea: cuando fragua un tema, ya sabe espontáneamente que procedimiento emplear, para utilizarlo nunca de manera gratuita sino perfectamente implicado su compromiso de artista que quiere reflejar en su obra el mundo que le rodea.

La movilidad y el ritmo deslumbran por las mil formas y maneras que ponen al descubierto enseñanzas para conseguir un afán de superación, de un lado; del otro, el logro de la espléndida realización que llega hasta nosotros captando nuestro interés.

Esas líneas trazadas con rayo de luz divina en medio de la angustia ambiental dejan una profunda huella al pulsar el nervio sensible de forma francamente impresionante.

El valor formal de esta obra es crecidísimo, a compás de los diversos quehaceres e inquietudes espirituales y artísticas. Si la técnica pictórico-escultórica es de materia gustosa, el gesto o el temperamento de quien la hace tiene una curiosidad insaciable que le deja a uno fascinado.

Soares visionario

Al objeto de conformar su código plástico dispone de trazos sin defecto, y junto a ellos pureza de líneas que parecen ser sensaciones flotantes, ritmos con fuerza orgiástica con los que da densidad vital, vibración de color e irradiación de la luz visualmente irisadora, con capacidad para llenar capítulos de pintura órfica, fascinación en cada imagen, plenitud de sí mismo para el natural fluir de un artista que está huyendo siempre de la servidumbre figurativa.

El sueño, la visión, el deseo, la fantasía, el misterio, la magia, forman el caudal, verdaderamente infinito, frente a la realidad ambiente, donde sacar los temas. O son esa especie de rastros dejados para ser aprovechados, bien para lograr la mayor tensión sensible, bien para abundar en el descubrir de todo cuanto le ofrece el gran enigma de la realidad hasta su consecución personal.

El flujo espontáneo de su arte compone unas alegorías visuales que son como juegos múltiples para elaborar una identificación: forma y color como entidad única de su inspiración espiritual.

Se perciben en sus imágenes las inquietudes de una visión surrealista que distorsiona las caras de las figuras humanas, sin olvidar por ello el exquisito equilibrio de la composición con que las remata.

Se ve claro lo mucho pintor que podemos advertir en él. Sobre todo cuando emplea la audacia expresiva en los cuerpos de despavoridas siluetas de tibias miradas, con los ojos retorcidos, la cara, el vientre y la cabeza como centros activos gravitando hacia la escultura de las formas vivientes.

A la altura considerable de los vitrales de Marc Chagall, ejecutados en brillantes colores rojos, azules, amarillos y verdes, se registrarán unas influencias aproximadas a su estilo.

Pasión y libertad en la producción que nunca es reproducción de lo que ve, sino más bien desafío inconformista con lo que inventa.

El transrrealismo de Luís Soares

El inquietante universo de Luis Soares gira entre la mitología, la astrología y la iconografía simbolista. Las formas que lo plasman se parecen a los signos del Zodíaco, por lo que tienen de intención de ser fabulaciones que resumen el espejismo cromático hecho a ras de la materia, de modo similar a como el escritor descifra los arcanos a ras de página. Si es que los "Trabajos de Hércules" del artista en general pueden tener un territorio circundante donde acogerlos, el portugués en particular lleva a cabo un denso programa artístico con el que se siente tan identificado, buscando obstáculos que el tesón creativo de su estética supera para llegar a la meta. Para ello despliega constancias y dedicaciones tejiendo las propias fantasías de su alma sensible.

La invención de la realidad es el capítulo más importante del mundo de la plástica soaresiana.

Los más excelsos brotes de la imaginación, las fibras más espontáneas de la sensibilidad le hacen ser exquisitos, gozar de la figura interpretativa y con fascinante espíritu de fantasía y gusto refinado crear más allá de todo lo imaginable.

Entre sus señas de identidad hallamos animales fantásticos que parecen empujados por unas alas míticas de tótem o ídolos de alguna tribu africana.

La faceta surreal del artista proporciona soluciones plásticas desde una mente casi alucinado al que es digno, al menos, de prestarle la necesaria atención.

Luis Soares, un tanto indescriptible, pinta con los dientes afilados, para obtener un feliz alumbramiento de este objetivo de pintar aplica el estado latente de unas vivencias de la más invisible presencia que el artista entresaca de un mundo interior. El proceso de juego óptico e imaginación queda perfectamente integrado por sus manos de artista.

La imagen psíquica

Trabaja con un puro estilo de dicción descarnada. Pinta por encantamiento: así quedan, plenas de encanto, sus pinturas. Tiene factores, procedimientos, técnicas, recursos, para utilizarlos en sus composiciones emocionales. Se expresa con nervio, vida, cuerpo y alma. Cala hondo en la fantasía, pero una fantasía de dimensión personal, absolutamente suya.

Recorre un largo trayecto de oficio alimentado por la perseverancia, también por los refinamientos surreales, cuyas consecuencias abren grandes posibilidades al ser rasgos vivificadores del arte nuevo.

Ante los atónitos ojos del espectador desfila, como en revista, al maravilloso conjunto "soaresiano" presentado, en todo su colorido y esplendor, con la mejor intención plástica, por una de las paletas más brillantes de la actualidad, dentro y fuera de Portugal.

En estas composiciones de largometraje, las dotes interpretativas del artista mencionado hacen reconocerlas como un mensaje que, desplegando su gran original factura, posee motivos suficientes para llevarlo a cabo. Y son como los meteoros que se disuelven dando luces a su siglo, con un talento avizor al frente acompañado de un estilo bello e incomparable, extraño y esotérico, amén de estar dotado de sobradas facultades para obtener un contexto de fluido alcance.

Luis Soares totaliza en su creación artística un microcosmos de pasiones y delirios, con la fantasía como territorio más fascinante que las leyes físicas; las intensas alegorías morbosas le obsesionan, a tal punto de componerlas con el sentido simbólico de las imágenes fetichistas.

Le atrae el impulso de la búsqueda, de tal manera que hay momentos en que se vuelve compañero del misterio para impulsar la necesidad de hacer. La gestación de las formas se realiza muy rápidamente y ellas darán proyección sentimental a la imaginación, que es la característica esencial "soaresiana".

Por la intrincada senda de lo fantástico, porque incluso de allí se puede describir a un fantasma, la realidad de lo suprasensible, configura el gusto más osado en su evolución creadora.

Las novedades que precisamos cada día en el hacer de este espécimen-plástico nos confirman la última ratio de su iniciativa individual. De la iniciativa de individuo dinámico, de inclinación irrefrenable y de imaginación desenfrenada, con la que obtener disfraces extraños para llamar la atención de la paz espiritual de quien se asombra ante tal arremetida de su prodigiosa tarea, de su alucinación temperamental. Sus imágenes vivientes hablan por él suficientemente bien.

A base de maneras (podríamos decir y no por desprecio) demasiado sueltas, trabaja en el soberbio desbordamiento de la imaginación. Para mejor captarlo hay que poner atención admirativa en los excelentes trazos de una obra fecunda y abundante y

prestar también atención a este feroz y fantástico pintor, auténtico fenómeno de la copiosidad (o arte de ser copioso, no de copiar).

El instinto artístico de Soares proclama la profunda inquietud existencial de un ser rebelde en un mundo alucinante.

Como verdadero artista, el pintor ha creado su indudable personalidad, tan acusada en la intención de las imágenes que con tanta fuerza expresiva late en sus pinturas.

Elevar el espíritu tras la pasión de crear puede ser la aspiración del plástico portugués. Desde el momento en que rinde uso ingenioso del personaje desprovisto de nombre, al que ha hecho nacer en su proceso inventivo, algo ha sucedido en su mente: descubrir otra realidad y descubrirla en la intimidad para hacerla válida a todos, al menos a todos cuantos quieran recorrer estas imágenes que Soares manifiesta en el proceso de su obra transformando lo ingenioso en bello, lo deformado en válido, lo íntimo en fértil. La labor de este artista es un mundo particular que hay que atender, descubrir y saborear hasta sacar el máximo jugo a su modo hacedor.

Tanto las piezas pictóricas como las escultóricas ponen un acento de razones personales (vivenciales) en el universo particular del artista. Por cierto, un universo que encaja a la perfección en el contexto de las últimas oleadas artísticas, proclive también a hacer aparecer signos y símbolos de modelos imaginarios creativos. Además de estar elaborando con pretensiones, las mismas que, por esconder secretos de imagen, atraen, sugieren y cobran fuerza de lección de vida, de misterio fascinador, o sea, unas extrañas obras producidas por la fascinación de la imaginación.

La potencia del signo

Como creador de sueños plasma de manera muy acusada retazos del subconsciente. Evoca con ellos la alucinada fantasía, unas veces; la pesadilla angustiosa, otras; con frecuencia está en sus lienzos la fantasmagórica visión; se advierten también imágenes que desasosiegan y desconciertan a quienes las contemplan.

Tan ajenos al uso habitual estos ejercicios ilusionados quedan reducidos a signos de la creación encarnados en imágenes con las que el pintor se identifica. El significado vivencial del autor, convertido en arte libremente desde su sintaxis pictórica, queda abierto al espectador para dedicarle una interpretación visual a su contenido. Ateniéndonos a lo que muestra en sus ejercicios, siendo descubrimientos para salir del laberinto de manera distinta, hay en ellos una capacidad metafórica de lo que se piensa, se encuentra o se expone para mejor escenificarlo.

La obra alcanza una notoriedad plástica que la avala. La persona rebasa anhelos realizadores. Su pintura es fantasiosa, procede de la raíz esotérica que se traduce en grotescas imágenes que incitan, nos excitan y nos sumen en tensas perplejidades. Los personajes plasmados están prendidos por la locura liberadora de las manos que los crearon. Son escorzos sinuosos, desazonados, impulsados a la vida por un anhelo emocional. El talante del autor apoya una surreal producción, sustenta el peregrinar por el arte negro y representa la entrañable posesión del signo creativo que conlleva la inconformidad expresionista.

Topa con cabezas que angustian, formas expansivas y en sus obras es fundamental el ansia de aventura que las concibe. Surgen por cuestión de necesidad. Emanan con un efecto plástico digno de agitar, cambiar, transformar, reanudar, reformar, actuar, encontrar e inventar por magia y milagro de arte.

Más que comunicarse con alguien, comunica algo. Pero comunica algo al espectador, del que requiere la presencia para llevarle más allá del mundo corpóreo, con seguridad a lugares inmateriales en los que la metáfora tiene mucho que decir, bastante que significar a la experiencia de la contemplación, a menudo de miseria imaginativa por parte del contemplador, porque le hace concebir el sentido de las cosas. Por eso esta obra es apta para los espectadores más exigentes, por ser potente y atractiva.

El registro gestual adquiere en sus telas impulsos para desfigurar la realidad, o sea, el autor crea con las huellas dactilares una ficción personalizada sobre fondos ilusionistas que dejan su marca de autor individualmente simbolizada.

Imágenes increíbles que apenas tienen que recurrir a la holografía, al arte minimal ni al conceptual, al post-minimal ni al neo-conceptual para convencer y demostrar que es su autor uno de los grandes intérpretes y que es en la cúspide de la pintura universal de hoy.

Es crítico y extremista en su estética de signos, símbolos, cuestiones, rupturas, imposturas, mezclas caóticas de personajes movidos entre farsa humana y animalia que no pretende halagar los sentidos. A estas alturas hay que agradecerle el ser invariablemente fiel gracias a una serie de constantes hallazgos, que, por serlo, lo son además fecundísimos, por constantes y por los nuevos hallazgos rupturistas.

Infundiendo aliento a la producción nos apresa en las redes de la emoción. Se alimenta espiritualmente de impresiones sensoriales para motivar su temática. Así le hallamos en su propia atmósfera repartiendo fidelidad amorosa a una vocación como la artística. En ella permanece, pervive y se cultiva plenamente dedicado a sus exigencias y superaciones. Desde ella mantiene esa presencia mágica plenamente escultórica o iconográficamente pictórica.

Un informalista decidido

(informalismo en clave)

Con los modos y glóbulos rojos de la persona anímicamente inflamada del limpio manantial de las inquietudes que yo admiro en Luis Soares, he así su "almagrafía": un alma envuelta en su propia grafía, un alma moldeada por el artista en su centro visual.

Se ha de destacar en su actitud estética el haber dado importancia relevante a lo inconsciente, a lo infantil, a lo hedonista, a lo primitivo, a lo salvaje, a lo inventado, a lo mágico, al humor, a la comunicación intensa, cuestiones por las que se siente atraído y que evidencian la inquietud de su producción: el pintor auto creándose, esa llave misteriosa de su íntima creación que le lleva a abrir sensaciones inconfesables ante lo desconocido, pasiones sublimes que solamente el propio artista controla, que el artista representa.

Con un emocionante recorrido por sus pinturas, el conocimiento de sus ideas, sentimientos y representaciones evidencian un trabajo constante donde el fino humor surge de un contexto extraño, muchas veces cercano a lo surreal de la ficción y el efecto expresivo puesto en cada obra en particular con prodigiosa imaginación.

Un microcosmos constructivo germinal con potencial repercusión macrocósmica, porque se expansiona progresivamente el círculo del autor por la vía mágica de los extraños objetos-sujetos concebidos, igualmente válidos como objetos de significaciones que como sujetos básicos.

El Universo utópico de Soares contiene destellos, convergencias, sugerencias, transparencias, ambientaciones y sutilezas, siendo un conjunto en el que caben las indicaciones del crear. Indicaciones basadas en un estilo personal e inconfundible y dispuestas en una armonía plástica para construir su ejecutoria personal.

Sugestivo pintar, además de informalmente moderno en sus atractivos; interesantísimo y magnífico, gracioso y cargado de simbolismo, dentro de la labor de los nuevos modos.

El pintor se va desarrollando con sus características más sobresalientes, siendo en ellas flexibles, ágil, dinámico y subjetivo. Por eso no es de extrañar que sean convertidos en gesto sus desgarrros de forma.

Junto a un concepto estético muy acusado se aprecia la inquietud de un nerviosismo vital que protagoniza la obra. Ambos le dan el sello inconfundible de artista consagrado. A paso personal va forjando (y formando con técnica depurada), un conjunto artístico de efectos sorprendentes. El momento actual es óptimo al desarrollar al máximo su imaginación, que es una maravilla de concepción para sorprender con la fuerza expresiva de un mundo propio, de un mundo misterioso, y para navegar en solitario por los inagotables temas que la mente le ofrece a su sensibilidad de artista. De un artista que por no estar enmarcado en los arquetipos estéticos que hoy están de moda queda fuera de ellos, incluso ocupando un lugar privilegiado en el arte según la más íntima evidencia del concepto y de la entidad del nuevo.

La vitalidad comunicativa de Luis asombra con la gracia infinita de sus imágenes, con la refinada riqueza de sus colores, con la sugestión delicadísima de sus informalismos, con las dotes interpretativas de sus invenciones dignas de un pincel maestro.

Luis Soares es uno de los pilares de la renovación plástica de Portugal, uno de los mejores informalistas lusos de la centuria. Si pintura es la de un fuera de serie. Un creador con superclase. Mientras prosigue su andadura, para obtener una atmósfera propia tiene actividad envidiable, gran entusiasmo en el trabajo además de capacidad para hacerlo.

Pintor visceral

Luis es persona en la que sobresale su comunicativo talante y su vivaz carácter, siendo peregrino de sus rumbos para obtener vitales novedades.

Soares es un devoto de la creación, que cultiva un sendero estético con inquietudes contemporáneas.

Luis Soares es pintor que pinta con denuedo, que tiene un pincel donoso, nervioso y ágil de líneas para quedar en dominador de unas formas plásticas, las suyas.

Es también artista completo que, dotado de mágica potencia del color y del dibujo, destaca por su riqueza plástica.

El hecho creativo supone en él un esfuerzo, cosa evidente. Pero no solamente eso, sino que está arropado por un lenguaje personal. Aspecto singular en la producción del artista es su imaginación, en la que acoge una visión lúcida, participativa incluso de una mitologización sensitiva, emocionante y mágica. Aparte de que no solamente dibuja con donaire, sino que por haber estado educado a través del arte, se le puede considerar pintor de toda la vida.

Por suerte el portugués está lejos de las modas y se dedica a pintar y además a pintar bien, lo cual habla a favor de su constancia en el oficio. Como símbolo de estas formas ahí queda esta trilogía: sueño-realidad-pintura. Con el resultado final de una pintura construida por impulsos, informal, surreal, de sorpresa onírica, pero de cualquier forma decididamente lejos de los carriles de la facilidad.

De auténtico acontecimiento se puede considerar cada exposición al público de Soares, artista que es capaz de expresar con poesía sugestiva desde el decoro de sus incesantes trabajos lo bello, lo bueno y lo mucho que contienen.

Luis se entrega con verdadera pasión a la tarea de la pintura, para la que está dotado de inigualable capacidad. A ella aporta un fuerte simbolismo como expresión emocional. Intensa creatividad que le coloca en un lugar muy destacado para sacarlo más allá los propios límites geográficos en sus exposiciones.

Soares disfruta de una mentalidad de pintor, tan necesaria para cultivar tan difícil como atrevida labor, y para, contra viento y marea, salir airoso de la prueba con un saldo positivo. Será justo así reconocerlo.

Los impulsos e inspiraciones le llevan a practicar la creación pictórica. De las invenciones personales surge su activa tarea creativa.

Comentario personal a soares

Desde que supe de él y le conocí a fondo, me ha subyugado el universo de las formas plásticas de Soares, que es un mundo propio, distinto e inhabitual, que transmite a quien se mete en él, una inquietud que siempre es de agradecer. Además de ejemplo de coherencia y de no sucumbir a los empujes de la moda, demuestra un hacer con facilidad pero también con exigencia, con dignidad y con ideas, que son sendas que convergen en el buen camino abierto para el futuro de este gran artista. Me es una favorable satisfacción poder comentarlo largo y tendido, hablar sobre él, porque este arte me impacta al contener la virtuosidad de despertar a la imaginación dormida de los espectadores. Unas piezas parecidas a espejo deformantes y perturbadores, no hechas simplemente con ganas de agradar, sino compuestas con afanes de despertar interrogantes y crear estados de ánimo, lo que también es muy de agradecer.

La magia del solitario habla por sí sola, como yo escribo de él por admiración y por amistad.

Con su producción siempre a tener muy en cuenta se inspira en la temática imaginativa y cuenta suficientemente sólida para permanecer en el dinámico, vertiginoso y movedizo panorama de la pintura de hoy.

Aparte de ser calibrada su tarea maratoniaca, en el sentido de faraonismo creativo (como se ha juzgado a la mía) por estar en vivo, en vilo y en activo, resalto la fluidez y el decoro de la misma, porque las calidades reseñables son garantía de sensibilidad, imaginación y fantasía acompañadas de enorme valor plástico, emotivo y testimonial.

Hacer del arte un oficio cotidiano, transmitido día a día, en todas las esferas de la producción estética, es el cometido que el portugués se tiene asignado. Si se ven sus cuadros, si se repasan sus trabajos, es posible establecer contacto con uno de los mejores artistas de los últimos veinticinco años. Está donde tiene que estar, proyectándose tanto en una obra plástica personal que cultiva al ritmo de su propia creación, como en sus múltiples facetas, por tantas llamadas de su obra múltiple. Así logra tejer el testimonio plástico, bien provisto por el conocimiento de la apuesta experimental, dándose a la plástica plenamente y salpicándonos de arte con la riqueza ilustrada de sus piezas artísticas.

De la mente fantástica de Soares salen bellas actitudes y armoniosas emociones con la rapidez de la captación los sortilegios esotéricos, dioses mitológicos, galaxias, seres extraños, finos de estilo, muy entusiastas, de gran temple y habilidad, consecuentes con el asombro de quien los creó.

Haciendo referencia a las muchas impresiones que me causa el arte de Soares, observo que es penetrar en sus medios, en el profundo surco abierto por el bien

aprovechado autor. Me explico. Me causa impresiones favorables su arte porque no tiene expresión ocasional o de encargo, porque está hecho por pura convicción, porque le atrae lo que hace y porque - por muy duro que sea el trabajo- no abdica de su mensaje.

Caso personal del artista que cultiva la pintura como una forma de vida. Que tiene habilidad técnica en el más amplio sentido de la expresión. Es acogedor de la belleza que cobra potencia en su capacidad creativa. Por tales motivos y convincentes razones es protagonista en libertad y con voz propia e imaginativa en la pintura portuguesa de esta hora.

Es artista realmente singular, que hace del arte un lúcido acto cotidiano con lívidas actitudes para realizar obras de modo natural, facultades que le sirven para alcanzar el sueño ideal del trabajo artístico, como son, V.gr., la actitud, el talante y la voluntad con que materializar rápida y simplemente una idea concreta. Oportuno asombrar con el juego vital de este canalizador de la pintura portuguesa y universal.

La mayor parte de su producción conlleva un carácter lúdico y suele estar realizada con materiales plásticos variados. El artista portugués desnuda su alma para sentir la gran atracción de crear. Esto tiene para él una significación especial. Para desarrollar su investigación escultórica, o para atender al proceso de creación y trasladarlo al lienzo, carga sus sentidos de belleza, por cierto recogida en el caudaloso río de imágenes de la magia y misterio del universo. Pienso que con la energía vital accede a un conocimiento de los mensajes secretos entendidos a través de la emoción, de los cuales deriva una fascinación hipnótica que atrapa la mirada del contemplador. Y una capacidad de asombro ante el gran enigma del color y de las formas esa relación de comunión que el artista tiene por todo lo que ha creado que sirve de fórmula de liberación de formas para su arte.

Quien vibre ante estas realidades visuales inéditas encontrará fácil respuesta al arte de Luis. Un arte que está sumergido en las esencias más válidas de la nueva concepción de la realidad, que rompe incluso con la tradición de épocas pre-contemporáneas. Un arte al que se entrega apasionadamente entendiéndolo como un espectáculo estético nacido de su personal biología. Un arte que va llevando la libertad gestual a un grado profundo de cotas de captación al que solo pueden acceder los creadores artísticos privilegiados. Con Luis Soares, artista con proyección internacional que realiza y presenta pinturas y esculturas.

Luis Soares pertenece al selecto grupo de los pintores vivos que se salvan de las épocas con una identidad estética: la raíz profunda de su propia pintura.

Un nombre - Luis Soares - que se recordará.

Una vida artísticamente plena.

Un hombre que pinta como vive.

Si el arte ha de considerarse como el toque más sublime de la vida del hombre, cada obra artística de Luís Soares es un vuelo mágico avivado por sus fantasías, que no solamente nos enriquece, sino que también nos transporta a un mundo-otro mundo que este- más íntimo, más renovador del espíritu, que enciende los sentimientos porque hace de la vida, a través del arte, una misión milagrosa y una visión quimérica.

La critica opina . . .

(algunos juicios críticos)